



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DENISE VIANA MARQUES DOURADO

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DOS ANOS FINAIS.**

BRASÍLIA  
2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Denise Viana Marques Dourado

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DOS ANOS FINAIS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

BRASÍLIA

2014

Denise Viana Marques Dourado

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DOS ANOS FINAIS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)  
Universidade de Brasília - UnB

Professora MsC. Eunice Nóbrega Portela  
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Professor MsC. Helio Ricardo Machado López  
Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB

Denise Viana Marques Dourado

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL DOS ANOS FINAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

---

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)  
Universidade de Brasília - UnB

---

Professora MsC. Eunice Nóbrega Portela  
Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

---

Professor Helio Ricardo Machado López  
Instituto de Educação Superior de Brasília - IESB

Brasília

2014

*Dedico este trabalho aos meus pais, base da minha vida; ao meu irmão por acreditar em mim; meu esposo pelo apoio e incentivo. E ao meu filho Lincon que foi a minha primeira vitória, por estar em minha vida me ensinando, compartilhando momentos de felicidade e hoje essa vitória é por ele para que eu possa trabalhar e lhe dar o suporte necessário para uma boa educação e garantir o seu futuro.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por estar sempre comigo me direcionando o caminho certo a seguir e me fortalecendo nos momentos difíceis.

Aos meus pais Edésio Marques Dourado Sobrinho que sempre sonhou e acreditou que esse dia chegaria e minha mãe Iranete Viana Martins por ter me mostrado o quanto devemos encarar os desafios que a vida nos proporciona com fé, coragem, persistência e acima de tudo acreditar que tudo é possível.

Meu irmão Eufrásio Viana Marques Dourado por sempre estar ao meu lado me apoiando e incentivando em todos os meus projetos de vida.

Meu esposo Arilson Diniz Dourado em me ajudar a prosseguir me cobrando e incentivando a ir sempre mais além.

Ao meu filho amado Lincon Diniz Viana Marques Dourado que veio para realizar o meu maior sonho o dom da maternidade e fazer da minha vida uma felicidade constante.

Aos professores por ensinarem o dom da sabedoria. Em Especial a minha professora orientadora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, por ser uma pessoa humana, iluminada em aceitar ao meu pedido sem pestanejar e me ajudando na realização deste

a prima Elizabete por sempre me acolher com muito carinho em sua casa no trabalho científico.

Familiares e amigos, Thaís por sua ajuda e colaboração, Manoel por sua compreensão e solidariedade fundamental para chegar até a professora Teresa, minh Distrito Federal e a todos que de alguma forma contribuíram para essa conquista.

Aos professores formadores da banca examinadora pela presença e pelo apoio.

Muito obrigada!

Denise Viana Marques Dourado.

## Humano Amor de Deus

Tens o dom de ver estradas  
Onde eu vejo o fim  
Me convences quando falas:  
Não é bem assim!  
Se me esqueço, me recordas  
Se não sei, me ensinas.  
E se perco a direção  
Vens me encontrar

Tens o dom de ouvir segredos  
Mesmo se me calo  
E se falo me escutas  
Queres compreender  
Se pela força da distância  
Tu te ausentas  
Pelo poder que há na saudade  
Voltarás!

Quando a solidão doeu em mim  
Quando o meu passado não passou  
por mim  
Quando eu não soube compreender  
a vida  
Tu vieste compreender por mim

Quando os meus olhos não podiam  
ver  
Tua mão segura me ajudou a andar  
Quando eu não tinha mais amor no  
peito  
Teu amor me ajudou a amar

Quando os meus sonhos vi  
desmoronar  
Me trouxeste outros pra recomeçar  
Quando me esqueci que era alguém  
na vida  
Teu amor veio me lembrar

Que Deus me ama  
Que não estou só  
Que Deus cuida de mim  
Quando fala pela tua voz  
E me diz: coragem! (bis)

(Pe. Fábio de Melo)

## RESUMO

O trabalho que ora se apresenta tem a finalidade de promover uma reflexão sobre os recursos facilitadores no processo de inclusão de alunos portadores de necessidades especiais, por meio de um estudo de caso de uma escola pública municipal em Ibititá-BA. Busca, sobretudo, diagnosticar como a referida escola está promovendo a inclusão dos alunos com deficiência auditiva no ensino regular, por meio da comunicação e construção de conhecimento, numa proposta bilíngue Língua de Sinais (L1) e Língua Portuguesa (L2). Como proposta da inclusão é imprescindível refletir sobre quais os obstáculos que profissionais e familiares encontram no decorrer deste processo, mesmo garantida por lei. Observa-se as problemáticas existentes, através da coleta de dados e observações realizadas durante as práticas pedagógicas oferecidas pelo curso, constatando-se que o grande desafio da inclusão não são os alunos surdos e nem os que apresentam qualquer deficiência, mas sim um sistema hegemônico de relações, arraigadas historicamente e ainda resistentes às mudanças.

**Palavras Chaves:** Surdos, inclusão, bilíngue, libras, Família.



## **ABSTRACT**

The work presented here aims to promote reflection on the facilitators resources in the process of inclusion of students with special needs, through a case study of a public school in Ibititá-BA. Especially seeks diagnose how this school is promoting the inclusion of students with hearing disabilities in mainstream education, through communication and knowledge construction, proposed a bilingual sign language (L1) and English Language (L2). As proposed inclusion is essential to reflect on what obstacles are professionals and family throughout this process even guaranteed by law. Observe the existing problem, by collecting data and observations made during the pedagogical practices offered by the course, if noting that the great challenge of inclusion are not deaf students and even those with any disability, but a hegemonic system relations, historically rooted and still resistant to change.

**Key Words:** Deaf, inclusion, bilingual, pounds, Family.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO</b> .....	12
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	23
<b>OBJETIVO GERAL</b> .....	24
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	24
<b>PARTE II – MONOGRAFIA</b> .....	26
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	
1.1 Inclusão Escolar e a Escolarização das Pessoas com Deficiência.....	27
1.2 Deficiência Auditiva: Aprendizagem e Desenvolvimento Mediada pelo Uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).....	36
<b>2. METODOLOGIA</b>	
2.1 Concepção de Ciência e Pesquisa.....	41
2.2 Métodos de Pesquisa.....	41
2.3 Contexto Da Pesquisa.....	41
2.4 Participantes Da Pesquisa.....	42
2.5 Técnicas E Instrumentos De Pesquisa.....	43
2.6 Técnica De Análise Dos Dados Levantados.....	43
2.7 Procedimentos De Pesquisa.....	43
<b>3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: CONSTRUINDO CAMINHOS PARA A INCLUSÃO/ APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS</b> .....	45
3.1 Construindo o Estudo.....	45
3.2 Descrevendo os Participantes.....	45
3.2.1 Perfil dos Participantes.....	46
3.2.2 Depoimentos das Mães.....	46
3.2.3 Relatos do AEE- Atendimento Educacional Especializado.....	51
3.3 Descrevendo as Observações e as Impressões Resultantes.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	63
<b>ANEXO I</b> .....	65
<b>APÊNDICE I</b> .....	67

## LISTA DE SIGLAS

**BA** - Bahia

**D.A** - Deficiente Auditivo

**SR** - Sem Rendimento

**IRA** – Índice de Rendimento Acadêmico

**CEIBIT** - Casa dos Estudantes de Ibititá

**UFBA** - Universidade Federal da Bahia

**UNEB** - Universidade do Estado da Bahia

**UnB** - Universidade de Brasília

**TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso

**SAA** - Secretaria de Administração Acadêmica

**AEE** - Atendimento Educacional Especializado

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**SEESP** - Secretaria de Educação Especial

**CNESP** - Centro Nacional de Educação Especial

**MEC** - Ministério da Educação

## APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília está organizado em três partes: a primeira refere-se ao memorial, no qual é feito um breve relato da minha vida pessoal e acadêmica; a segunda é a própria monografia; e a terceira e última parte diz respeito às perspectivas profissionais, em que exponho meus desejos para a nova etapa que se inicia.

A segunda parte, destinada à monografia, contempla a introdução e três capítulos intitulados: Capítulo I: Referencial Teórico; Capítulo II: Metodologia, Capítulo III: Análise de Dados e Considerações Finais.

O primeiro capítulo refere-se ao arcabouço teórico; o segundo explica de que maneira a pesquisa foi realizada; o terceiro apresenta o tratamento dos dados à luz da teoria abarcada neste trabalho nos capítulos I e II.

Por fim, na terceira parte do trabalho apresento a minha perspectiva profissional, expondo os meus desejos e anseios a essa nova etapa que se inicia.

**PRIMEIRA PARTE**  
**MEMORIAL**

## MEMORIAL

Apresento ao leitor nas páginas seguintes um pouco da minha trajetória pessoal e acadêmica. É apenas um breve resumo das minhas experiências, pois seria impossível descrever tudo o que vivenciei até hoje, totalizando trinta (30) anos.

Normalmente, é complicado fazer uma retrospectiva da minha história de vida familiar e acadêmica até o exato momento, pois não me recordo com tanta clareza de alguns episódios que tenham marcado minha trajetória, por isso tentei ser mais simples e sucinta ao descrever o desenrolar de tudo.

Meu nome é Denise Viana Marques Dourado, meu pai, é comerciante e minha mãe, é dona de casa, sempre preocupada com o bem estar e educação dos filhos. Sou a caçula, fruto do casamento entre Iranete Viana e Edésio Dourado. Quando nasci meus pais já tinham meu irmão Eufrásio na época com um (1) ano e oito (8) meses.

Minha história se inicia no dia 25 de Novembro de 1983, não cheguei a ir ao hospital, foi em casa mesmo, na cidade de Ibititá interior do Estado da Bahia onde vivi meus momentos de criança e adolescência muito feliz e atualmente continuo aqui, lugar pequeno e aconchegante onde conto com a companhia familiar e de amigos.

Minha família sempre foi católica e conseqüentemente cresci dentro da igreja e esse é um dos aspectos importantes da minha educação. Assim sendo, na educação familiar que obtive, a religião católica entra como complementar, pois foi onde aprendi muito sobre Deus, sobre mandamentos e também o que julgo mais significativo, aprendi sobre os valores, como por exemplo, respeito, solidariedade, humildade e amor ao próximo.

Durante a minha infância, passei por momentos difíceis, aos um (1) ano e três (3) meses, tive um problema de saúde complicado, ao qual, até hoje não se sabe o que causou; passei por um problema de intestino liso, onde nada ficava no meu intestino, tudo que eu comia colocava para fora, e durante esse período em primeiro lugar Deus, em segundo o médico, e em terceiro minha mãe, mulher guerreira que incansavelmente lutou por minha vida e não desistiu. E graças à persistência e fé dos meus pais, estou aqui para contar

essa história de luta e vitória.

Devido a esse período de provação, passei por um tratamento longo. Entrei na escola um pouco tarde, aos seis anos. Iniciei minha vida escolar, na Escola Caminho Feliz onde devido ao tratamento de idas e vindas à Salvador-BA não pude participar direito do pré escolar e assim mesmo com essas conturbações entrei na escola já sabendo escrever o meu nome. Estudei na Escolinha Caminho Feliz o período da alfabetização, na primeira série fui para escola pública Luiz Viana Filho e retornei à Escolinha Caminho Feliz na segunda série até a quarta série.

Tinha a companhia de muitos amigos, em especial minha prima e amiga Gabriela. Aprendi a ler, fiz amigos, tenho lembranças maravilhosas de todos os momentos quando cantávamos o hino nacional, da bandeira e independência às oito horas, do recreio, hora do lanche, brincadeiras no parquinho e das aulas de natação e educação física, o melhor tempo da minha vida. Lembro muito bem da 1ª professora no jardim Delma que chamávamos de tia Delma, em seguida aprendi a ler na alfabetização com tia Taty, também professora de religião.

Adorava ir à escola, e enquanto muitos odiavam estudar pela manhã, para mim era o melhor horário, pois à tarde é que dava preguiça; percorri pelos números da matemática com tia Ivana, muito rígida, porém com o coração enorme, lembro-me de um episódio em que ela me chamou para ir ao quadro fazer conta de dividir e eu disse que não iria porque não sabia fazer, ela insistiu dizendo que eu só aprenderia fazendo, mesmo assim relutei, com isso ela levantou e me pegou pela orelha e me colocou no quadro e foi me dando as coordenadas junto com os colegas, lembro que fiquei com muita raiva, envergonhada, mas hoje agradeço a tia Ivana, a qual tenho muita admiração e convivo com ela até hoje, pois a partir daquele dia, divisão não era mais problema.

Durante esse período passei por muitas professoras, tia Marta, tia Solange, tia Telma, tia Perpétua, saudades demais, lembranças de um tempo feliz.

Após a Educação Infantil, fui para o Colégio Estadual Democrático de Ibititá, também tenho saudades dessa época, onde tive professores maravilhosos, que muitos me instigaram a estudar e nessa época estudei

bastante, tanto que havia uma disputa entre minha prima Vablessa e eu, para quem tirava melhores notas, de certa forma isso era bom porque assim se estudava mais; sempre tirei notas boas desde a escolinha, não aceitava notas baixas, quando chegava na terceira unidade já estava passada, mesmo assim estudava para ficar com nota alta na quarta unidade também.

Sempre me dediquei aos meus estudos, nunca fiquei de recuperação, minha mãe sempre dizia do orgulho que tinha em comparecer às reuniões e ser parabenizada. Por onde passei minha mãe sempre ouviu falar bem de mim, a única coisa que reclamavam é que eu gostava de conversar, prestava atenção, mas nas brechinhas aproveitava, pois terminava de fazer as tarefas e ia ajudando aos outros.

Ao concluir o Ensino Fundamental, devido o colégio ter apenas magistério concorri a uma vaga para o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães em Irecê-BA, lá era formação geral. Tinha acabado de ser construído e a forma de ingresso a ele foi colocar o nome na lista e torcer para ser selecionado, lembro-me que na véspera do resultado não consegui pregar o olho de tanta ansiedade, e o resultado foi positivo; Morei em Irecê por um ano, depois voltei para Ibititá-BA, ia e voltava todos os dias no ônibus de outro colégio.

Tinha tudo para ser um excelente colégio com uma estrutura gigantesca, no qual foi apelidado de Titanic (direção não gostava), muitas salas, quadra de esporte, auditório, biblioteca, tudo muito bem equipado e espaçoso, mas infelizmente tínhamos mais aulas vagas, e com isso foi desmotivando. Passamos os três anos dessa forma, apesar disso tivemos professores como Rogério de matemática, Sandra de português e Telma de história que ainda nos davam um ânimo e interesse; Fazíamos debates divididos em dois grupos, foi lá que vi grêmio estudantil, muitas coisas nos prejudicou, mas como tudo na vida também aprendemos algo de bom.

Em 2001, aos dezessete (17) anos conclui o ensino médio e com isso iniciava uma nova etapa. Durante a minha trajetória escolar sempre me dei bem em todas as matérias, mas as minhas prediletas eram as humanas, nas exatas sentia certa dificuldade principalmente em física, pois nunca gostei.

Concluído os meus estudos fiquei em Ibititá-BA, comecei fazer um cursinho em Irecê, daí para testar meus conhecimentos enfrentei pela primeira



vez o vestibular da UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana para Comunicação Social, e foi no cursinho que percebi o quanto foi falho o meu estudo na escola, pois quando falava em alguns assuntos que com certeza deveria ter visto, parecia desconhecido para mim, assuntos que nunca tinha visto, como por exemplo, porcentagem e hectare, e desde então minha dificuldade aumentou e matemática que eu tanto gostava passou a ser desconhecida, e as exatas saíram do meu gosto de vez. Durante três anos fiquei por Ibititá e foi nesse período que comecei a cuspir sangue, iniciava mais uma difícil batalha.

A primeira vez que cuspi sangue foi um choque, de imediato pensei: "estou com câncer", não tive coragem de falar na hora com meus pais, esperei para ver se repetiria de novo e foi o que aconteceu, assim contei para eles e iniciamos nossas viagens para Salvador. Devido na infância ter tido problema de saúde já citado, procurei o meu médico que depois de Deus me deu a vida, ele dizia para não me preocupar, pois não era nada demais, apenas falta de zinco no organismo e fui fazendo o tratamento e nada adiantava, cheguei a pesar 46 kg; passei por vários médicos, com esse problema, às vezes ficava direto, outras desaparecia e aí é que eu tinha medo, pois quando voltava era com força total.

Em 2004 fui morar em Salvador-BA na CEIBITI, costumo dizer que foi o melhor e o pior período que passei, diante do ser humano só aprender com a vida apanhando e quebrando a cara, passei por situações de muita turbulência e confusões, pois conviver em uma casa com mais de trinta pessoas é muito complicado. Então eu digo o pior devido a tantas confusões, inveja, discussões, calúnias, falsidade, mas apesar de tudo ainda conseguia estudar, me esforçava ao máximo, pois durante esse período continuava a cuspir sangue e quando ficava ansiosa, nervosa era ainda pior. Fiquei todo esse tempo assim, no meio do ano fiz o vestibular da UNEB e depois da UFBA para Comunicação Social, me saí melhor na segunda, e por pouco não passei.

Em dezembro de 2004 fui para Brasília-DF passear e meu namorado hoje meu marido pagou uns exames; Fiz alguns exames e foi na tomografia computadorizada que deu para ver uma mancha, para concluir eu necessitava de um último exame, mas por ser caro fui embora para não dar mais despesa. Voltei para Ibititá-BA em janeiro e em março de 2005 fui morar em Brasília-DF,

na casa de um primo dividindo as despesas. Já fui chegando e com pouco tempo comecei a trabalhar e me escrevi no cursinho Alub, deixando a saúde de lado. Nesse cursinho conheci minha grande amiga Aline, uma pessoa especial durante esse período, foi ela quem me aconselhou a fazer uma segunda opção de curso, pois no momento comunicação social era um dos mais concorridos. Analisando as opções fui avaliando o que mais assemelhava comigo e a concorrência menor, daí optei por pedagogia, me recordo que quando disse a Aline ela ficou brava na hora dizendo que eu estava escolhendo o curso mesmo ao dela e por isso seríamos concorrentes e de imediato respondi sorrindo, que pelo contrário, seríamos colegas e assim aconteceram.

Eram dias corridos, pela manhã ia para o cursinho no Conic e de lá vinha a pé até a Lojas Riachuelo no Shopping do Conjunto Nacional, trabalhava nas ruas fazendo cartão e chegava em casa quase às dez da noite todos os dias. Era tão cansativo, que eu chegava tomava banho e deitava nem comia porque entre comer e dormir eu preferia dormir. Muitas vezes pegava o livro, mas o cansaço era tão grande que dormia debruçada sobre ele, lembro-me do meu primo dizer que daquela forma nunca passaria em vestibular nenhum.

Continuei estudando e trabalhando, e em junho nos dias onze e doze fiz o vestibular da UnB, o resultado saiu em julho e para minha surpresa pela primeira vez que havia enfrentado o vestibular da UnB passei na primeira fase do diurno, estava no trabalho quando recebi a notícia, quase desmaiei de tanta felicidade. Meus pais ficaram eufóricos, principalmente meu pai porque o sonho da vida dele era um filho fazer UnB. Foi uma sensação inexplicável a primeira vez em que coloquei os pés na Faculdade de Educação para fazer minha matrícula. Senti que ali muita coisa ia mudar em minha vida.

No primeiro dia de aula foi engraçado e ao mesmo tempo assustador, devido o trote pregado pelos veteranos. Colocaram um suposto “professor” carrasco em sala, que brigava com os alunos, que passava trabalhos impossíveis para serem entregues em prazos mais impossíveis ainda. Fiquei assustada, mas para a minha felicidade, tudo foi desmascarado e explicado que a intenção daquele trote era mostrar que o curso de Pedagogia era o oposto do que havíamos vivenciado naquele momento.

O primeiro semestre foi uma fase de novas experiências e de uma nova construção de saber. Aprendi novos conceitos, experimentei novas teorias. Gostei bastante da minha primeira aula de Antropologia, por estudarmos a nossa história, o nosso processo evolutivo no tempo e no espaço, acredito que seja pelo fato de sempre ter gostado de história durante o meu ensino fundamental e médio. Apesar de todas as novas descobertas, não me sentia segura na escolha profissional. Não pelo curso, mas pelos comentários de amigos e familiares. Diziam que pedagogia é um curso desvalorizado e que não me traria retorno financeiro, isso me desestimulava.

A empolgação do começo foi fracassada, após iniciarem as aulas em agosto, em setembro começou a greve. Com a greve fui para Ibititá-BA e durante esse período costumo dizer que Deus me deu mais uma chance e disse é agora ou nunca. Em outubro dei uma crise tão forte que agora eu não cuspi eu já vomitava umas golfadas fortes, ao ponto do meu namorado que estava comigo no momento se desesperar. Pedi para minha mãe que cuidasse de mim, pois eu não estava bem e ele estava indo embora.

Depois dessa crise não parei mais, fui para Salvador-BA e em menos de um ano uma mancha que estava em meu pulmão, havia se transformado em um tumor, que agora em um simples raio x já dava para ver. Sempre acreditei e confiei em Deus, pois passando por tudo isso eu me mantinha forte pelo menos por fora para os meus familiares que estavam comigo se manterem fortes, mas por dentro ele sabia o quanto estava sofrendo e gritando. O exame que eu não havia feito em Brasília, a Broncoscopia, esse foi o exame que localizou onde estava o tumor e recolheu o líquido para fazer a biopsia, tive que fazer esse exame horrível três vezes.

Esse período de espera do resultado foi o pior momento, não conseguia dormir, mas com a graça de Deus o resultado foi positivo, estava com um tumor benigno e no dia 20 de dezembro eu me internei e em 22 de dezembro de 2005 fiz minha cirurgia graças a um anjo que Deus enviou em minha vida e me deu a cirurgia Doutor Antônio Dórea, pois não tinha condições para pagar. Fiquei em Salvador até a minha revisão em 05 de janeiro e voltei nesse mesmo dia com minha mãe.

As aulas na UnB já haviam começado, mas não podia voltar ainda.

Cheguei em Brasília em fevereiro, levando comigo toda a documentação do meu processo cirúrgico. Fui avisada que não era na secretaria que deveria entregar os papéis e sim apresentar a cada professor, lembro-me apenas de uma professora querer me reprovar. Fiquei angustiada meu primeiro semestre e ainda mais por problema de saúde. Para não ser reprovada fiz vários trabalhos e deu tudo certo.

Por não obter muito conhecimento, durante os meus primeiros semestres fui pegando a quantidade de disciplinas que eram exigidas e uma ou duas a mais, mas isso se seguiu até o final por durante esse tempo ter me casado, mudado de horário do diurno para o noturno devido ao trabalho e por não ter tempo para pegar o máximo de disciplinas, afinal exige muito. A cada semestre, novas disciplinas, novas teorias, novos saberes, na medida em que as disciplinas iam sendo cursadas, ia me identificando com algumas. No segundo semestre, me interessei pela Psicologia da Educação e os Educandos com Necessidades Educacionais Especiais, um novo olhar.

Poderia citar muitas matérias que foram relevantes, mas para falar a verdade essa fase da minha vida foi tão desesperadora e por não me dedicar ao máximo não pude muitas vezes enxergar minha verdadeira habilidade, onde muitas vezes pensei em desistir e voltar para Bahia, mas minha amiga Aline dizia não deixar eu nadar e morrer no meio da praia.

Infelizmente durante a nossa graduação não cursamos as matérias que muitas vezes desejamos, pelo fato dos horários e vagas, isso inclui principalmente os projetos e assim vamos passando semestres cursando matérias que muitas vezes são obrigatórias ou apenas para preenchermos a grade, não temos escolhas.

Por falar em escolhas, tenho no meu histórico matérias em que não obtive rendimento (SR), mas infelizmente foram matérias que não tive como cursar. Por exemplo, Educação Ambiental Fundamentos e Práticas, na época eu havia pedido minha amiga Aline para fazer minha matrícula, pois me encontrava na Bahia e não estava conseguindo, no entanto ela não conseguiu outra matéria no nosso departamento no horário da noite, nessa época já estava no noturno, pelo fato de não ter carro e ter que me deslocar até outro

departamento sozinha à noite, não tive outra escolha a não ser abandonar, pois infelizmente já havia passado o processo de trancamento.

Eu até tentei ir, mas quando descobri aonde era o local da aula já havia perdido duas aulas e nessa aula a professora me informou que se eu perdesse mais uma aula já estava reprovada, daí não tive escolha, abandonei. A outra matéria já foi diferente, era uma matéria obrigatória de fundamental importância principalmente pelo fato de nos ajudar no nosso trabalho final, mas o fato é que ela era somente aos sábados e onde eu morava na Colônia Agrícola Samambaia não havia transporte e a distância para eu ir para pista era muito grande, assim fiquei arrasada por não ter feito por ser tão importante e por ficar com mais um (SR) em meu histórico onde sabemos que diminui o nosso IRA-Índice de Rendimento Acadêmico.

Assim, graças a Deus me mantive na UnB entre trancos, barrancos e dificuldades, conheci muitos colegas, alguns professores amigos nessa jornada acadêmica, fiz amizades, inclusive junto a minha amiga Aline passei por dificuldades dentro e fora da UnB e ela foi sempre o meu ombro amigo em todas as horas.

Em 2010 fomos para Bahia de férias, mas foi aí que a minha situação ficou difícil no Distrito Federal, pois retornei sozinha. Fiquei até fevereiro de 2011 em Brasília terminando todas as matérias, no entanto, continuar em Brasília pagando aluguel entre outras despesas e meu marido na Bahia com despesas também, não deu para continuar no Distrito Federal e por esse motivo entrei em acordo com o professor Álvaro para fazer meu TCC à distância e assim foi feito. Com poucos dias que cheguei à Bahia, meu pai diabético cortou o pé e não percebeu e com pouco tempo teve que amputar o dedão, perdendo o apoio e ficamos por um tempo entre idas e vindas ao Hospital Regional em Irecê. Logo em seguida engravidei, e durante esse tempo mantive contato com o professor, que me confortava e dizia para ficar tranquila e ir com calma.

Depois de um tempo, não consegui mais contato com ele, sendo o último contato em abril de 2012, fiquei desesperada, aflita, no entanto, por estar confortada e assegurada pelo professor e na época não saber e nem ter tido idéia do que fazer, pela confiança que me foi passada, fiquei todo esse tempo à

espera de um contato, como apresentei em meus documentos entregues junto ao meu pedido de reintegração. Admito também o meu erro em permanecer à espera, me envolvendo apenas com os problemas pessoais que estava passando em Ibititá - BA, mas devido ter sido um acordo entre o professor e eu não sabia como agir e também tive medo.

Apesar da aflição me assegurei na influência e competência do professor que não me deixaria sair prejudicada, pois desde o momento em que procurei sabia da sua responsabilidade e integridade e por estarsempre apto a ajudar a todos fui até ele e de imediato se propôs a me ajudar, então só tenho a agradecê-lo por tamanha generosidade, infelizmente sua continuidade na UnB não pode continuar devido o contrato com a Secretaria de Educação do Distrito Federal não ter sido renovado, e diante essa situação o professor não estava utilizando o único email em que tínhamos contato e apenas em junho de 2013 depois de tanto tempo o professor Álvaro me respondeu e me orientou a entrar em contato no SAA da UnB e pedir para falar com Manoel responsável pelo Posto do SAA na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que me direcionaria o que fazer. Entrei em contato, Manoel me orientou, e imediatamente tomei as providências, juntei todas as provas e fui para Brasília e fiz o meu pedido de reintegração. No dia 05 de dezembro recebi o telefonema da secretaria que deveria estar na segunda feira dia 09 das 14 às 18hs. Graças a Deus o meu pedido foi aceito e no sábado dia 07 de dezembro embarquei e na segunda - feira estava na UnB assinando o termo de compromisso de me formar no 1º semestre de 2014.

Desde o primeiro momento em que entrei na Universidade de Brasília, ví que um mundo de tantas diversidades se abria diante de mim; diversidades culturais, sociais, enfim, como o nome mesmo diz um Universo a percorrer. Passei por muitas dificuldades, me sentia em relação aos outros com o pensamento retardatário, achava muita coisa estranha, as vezes parecia que não falávamos a mesma língua, minhas amigas Aline e Deborah me ajudaram a me situar assim diziam. Mas juro por Deus, não sei se pelo fato de estar longe da minha terra, da minha família, das minhas origens, e pelas conturbações passadas em Brasília durante todo o meu processo acadêmico, mesmo todo esse tempo continuava a me sentir solitária e abaixo de todos, sentia que não conseguia acompanhar com a mesma capacidade. Sei lá pode

até parecer desculpa, mas Deus sabe e conhece o coração de cada um, sabe de tudo que passei e o quanto chorei, pois desde o momento em que saí de Ibititá as coisas aconteceram rapidamente e simultaneamente, vida pessoal e profissional.

Mesmo com tanta tribulação, pude também conhecer pessoas maravilhosas que farão parte da minha vida, amigos, professores, no qual me apoiaram e o mundo diverso passou a me trazer conhecimentos, saberes, deveres, de extrema relevância à formação de um bom profissional. A princípio não havia imaginado ser uma pedagoga, mas a ideia veio analisando as possibilidades e probabilidades e por segunda opção escolhi pedagogia, pelo fato de gostar muito de criança, também na área de trabalho acredito ser amplo, devido a educação infelizmente ainda estar carente, no entanto infelizmente ainda não somos devidamente valorizados, quando você diz que fez pedagogia vê-se a reação das pessoas, um semblante de desprezo.

Durante a minha graduação, fui adquirindo conhecimentos e falar da importância, é dizer o quanto cada matéria cursada juntamente com os professores foram enriquecendo na minha aprendizagem, onde tudo que foi trabalhado, discutido, analisado, trouxe consigo fatores de bastante relevância para o meu saber e meu viver, onde acredito que o pacote completo fez do meu curso uma peça fundamental para o meu sucesso. Acredito se fosse para falar quais matérias gostei, seria mais fácil dizer quais não gostei, pois foram poucas.

Enfim, cheguei ao final do curso. A Pedagogia me mostrou como os debates da educação são amplos e complexos, mas também como ela é um caminho de melhora tanto do ser humano quanto numa esfera maior. Cursar Pedagogia foi algo inesquecível, a UnB é um mundo paralelo de discussão, debate, construção do conhecimento e lutas por melhora na sociedade que talvez eu não encontrasse em outra faculdade. Ela realmente abre os horizontes e desperta o interesse em estudar e fazer algo por uma educação melhor. Encontrei no curso de pedagogia não só a minha profissão, mas um rumo a seguir que me faz acreditar que eu posso fazer a diferença e construir um caminho melhor.

Após essa apresentação de como foi o caminho pela UnB, posso dizer que o curso foi muito além de apenas disciplinas, muito além de uma profissão,

durante o curso fui também me formando como pessoa, como ser humano. E hoje vejo que escolhi o curso certo, pois me identifico demais com que eu faço. Além de que na Universidade de Brasília, conheci maravilhosos professores e fiz grandes amigos, que talvez não me acompanharão para vida inteira, mas já me ensinaram muito.

Assim, diante todo o meu curso, o meu tema surgiu depois do Projeto 4 - PROJETOS INDIVIDUALIZADOS DE PRÁTICA DOCENTE 1(SEPD) que fiz com o Professor Cristiano Muniz, em que fui para a sala de aula em um estágio na Escola Classe 304 Norte. Durante esse período me envolvi bastante com a minha observação, pois estávamos ali com uma finalidade muito importante, no qual nossa observação não era apenas para o nosso curso, através das nossas observações que no final foram entregues por escrito e em cd, eram analisadas e as crianças evidenciadas eram analisadas e encaminhadas a um tratamento se fosse o caso. Foi um período muito bom, estagiei no 2º ano na sala da professora Sandra que acreditava em mim e depositava confiança, deixando algumas vezes a sala comigo, me dava autonomia de acompanhar até a biblioteca alguns alunos considerados com mais dificuldades que os outros para acompanhá-los na leitura, aplicar ditado. Particpei de passeio extra escolar, foi uma experiência maravilhosa e enriquecedora. E foi por tudo isso, pelos pequeninos que conheci e me apeguei, e pelas dificuldades vivenciadas juntamente com eles é que surgiu o meu tema: Dificuldades de aprendizagem.

Contudo, atualmente minha linha de pesquisa tomou outro direcionamento por conta de um trabalho com crianças auditivas que está sendo desenvolvido em minha cidade de Ibititá-BA e pelo fato de ter acesso ao material que ao tema anterior não estava sendo encontrado e principalmente por poder participar ativamente observando e enriquecendo assim minha pesquisa e meu aprendizado.

Hoje reconheço quando diziam que sentiríamos falta desses momentos de faculdade, trabalhos, diversão, aprendizados, amizades, isso é verdade, agradeço a Deus por hoje depois de tanta demora estar finalizando esse meu ciclo, e pedindo a ele sucesso em meu novo caminhar, colocando em prática os meus aprendizados e apta aos novos conhecimentos.



**SEGUNDA PARTE**  
**MONOGRAFIA**

## INTRODUÇÃO

Conforme é do conhecimento de todos, os conteúdos escolares privilegiam o alunado que dispõe de condições normais de audição, visto que o universo educacional tem como principal instrumento de comunicação a linguagem falada, razão pela qual se deve contar com a habilidade auditiva para favorecer e estimular o processo de aprendizagem acadêmica dos educandos.

Por esta razão os alunos com necessidades educacionais especiais, com deficiência auditiva encontram-se em desvantagem com relação à questão educacional escolar. Deste modo, para mudar esse quadro de desvantagem é indispensável uma prática docente imbuída do uso de recursos didáticos especializados para este fim.

Historicamente as pessoas acometidas de deficiência auditiva, assim como pessoa de qualquer deficiência, foram segregadas socialmente, sendo privadas do direito de participar do sistema formal de educação.

Apenas no século XIX foram criadas instituições para acolher deficientes auditivos. A inclusão do alunado com necessidades educacionais especiais no ensino regular é fruto de uma política de inclusão que objetiva conferir a todas as pessoas o direito a uma escolarização garantindo os princípios da equidade.

Como instrumento para a garantia de “oportunidades iguais para todos,” foi realizada na Tailândia em 1990, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, resultando num consenso mundial a respeito do papel da educação fundamental que afirma um compromisso de garantir o atendimento a todas as crianças, jovens, adultos, no que tange a todas as suas “necessidades básicas de aprendizagem.”

A Declaração de Salamanca, por sua vez afirma a necessidade de uma prática docente capaz de “satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem”.

A inclusão de alunos surdos nas escolas regulares da rede pública de educação ainda é um grande desafio. Razão pela qual discutir-se-á neste trabalho os recursos facilitadores no processo de inclusão de alunos com necessidades especiais, por meio de um estudo de caso em duas escolas do

interior baiano, sendo que estas escolas contam com concepções de educação diversas, na clarividente tentativa de inclusão dos alunos com necessidades especiais em turmas de ensino regular.

Segundo Lacerda, a inclusão apresenta-se como uma proposta adequada para a comunidade escolar, mostrando-se disposta ao contato com as diferenças, porém nem sempre é satisfatória, visto que na maioria das vezes as pessoas com necessidades especiais não têm tais condições propiciadas pela escola.

Esse trabalho tem o objetivo de analisar a prática docente atrelada ao uso de recursos específicos para a aprendizagem de alunos com deficiência auditiva. O lócus da pesquisa são duas escolas públicas municipais que promovem a inclusão dos alunos com Deficiência Auditiva no ensino regular. Utilizou-se como estratégia de pesquisa a observação de dois alunos deficientes auditivos e os seus respectivos professores, acompanhando o desenvolvimento em sala de aula, bem como a participação da sua família no processo de inclusão educacional, com registros no diário de campo.

### **OBJETIVO GERAL**

- Analisar a inclusão escolar de alunos com D.A numa sala regular no município de Ibititá-BA, por meio das observações das práticas pedagógicas e escolarização desses alunos.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Verificar como duas escolas públicas do semiárido baiano estão promovendo a inclusão dos alunos com D.A no ensino regular.
- Identificar quais as formas de atendimento do AEE que estão sendo adotados no processo de inclusão dos surdos.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 INCLUSÃO ESCOLAR E A ESCOLARIZAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Tradicionalmente, a educação dos alunos com necessidades educativas especiais era pautada num modelo de atendimento em escolas especiais, segregado, sustentado no modelo clínico.

A Educação Especial teve sua origem num “modelo médico” ou “clínico” que tinha como principal objetivo identificar, através de exames médicos, as deficiências que acometiam esses alunos.

Sob a alegação de um cuidado especial com esses grupos, pessoas com deficiência visual, intelectual, auditiva... eram retiradas do convívio coletivo, das trocas sociais e colocadas em instituições, asilares ou não, subjugadas ao convívio segregado (GLAT, 2007, p.30).

Por muito tempo acreditou-se que existia um processo de ensino-aprendizagem normal e saudável para todos os sujeitos, e os que apresentavam algum tipo de dificuldade, distúrbio ou deficiência, eram considerados anormais, eufemisticamente denominados “alunos especiais”, e alijados do sistema regular de ensino (GLAT, 2007, p.31).

Objetivava-se nestes espaços escolares segregados, sustentados no “viés terapêutico”, desenvolver nas pessoas com deficiência uma preparação para uma posterior reintegração social, buscando isso através da autonomia nas atividades cotidianas e um interminável processo de alfabetização. Não havia maiores perspectivas em relação ao desenvolvimento acadêmico e a escolarização desses educandos (GLAT, 2007, p.32).

Por muitas vezes projetava-se sobre esses educandos um sentimento de “deficiência” como sinônimo de incapacidade, atribuindo-lhes um sentimento de valor menor, parafraseando Vigotsky, um sentimento de *minusvalia*.

Sustentada por um modelo médico da deficiência e por um viés clínico de educação e escolarização, a Educação Especial emerge. Assim, pode-se dizer, segundo Fernandes (2005), que os médicos foram os primeiros que

dos deficientes em ambientes escolares menos restritivos possíveis, surgem questionamentos em relação às estratégias e práticas da Educação Especial despertaram para a necessidade de escolarização das pessoas com necessidades especiais.

Sob esta perspectiva, a deficiência era entendida como uma doença crônica e todo o atendimento prestado a essas pessoas, mesmo quando envolvia a área educacional, era considerado pelo viés terapêutico. Avaliava-se através de exames médicos e psicológicos com ênfase em testes projetivos e de inteligência com rígida classificação etiológica.

Durante muito tempo a Educação Especial se configurou como um sistema paralelo e segregado de ensino, voltado para o atendimento especializado de indivíduos com deficiências.

Para cada tipo de deficiência, havia profissionais, técnicas, recursos e metodologias específicas para serem utilizadas no processo de ensino-aprendizagem dos alunos “especiais”, mesmo que estivessem matriculados em turmas do ensino regular.

Na verdade, esses alunos “especiais” tinham um atendimento escolar segregativo; eram inseridos no ensino regular, sem, contudo lhes serem dadas oportunidades de desenvolver suas competências acadêmicas.

Apesar de todos os avanços alcançados pela modalidade de Educação Especial, durante muito tempo, esta, foi mantida como “um serviço especializado paralelo”: classes especiais com materiais, metodologias e organização próprias. Almejando acompanhar a tendência mundial na luta pela inclusão das minorias marginalizadas, consolida-se em nosso país a “filosofia da normalização”.

Diante da “filosofia da normalização” aparece o equívoco de achar que é possível acontecer o ensino-aprendizagem dos alunos “deficientes” utilizando os mesmos recursos metodológicos direcionados aos alunos considerados “normais”. Com essas transformações e o desenvolvimento de paradigmas educacionais como a normalização e a integração.

Embora o objetivo dos conceitos de “integração”, “normalização” e medicalização visarem a erradicação da marginalização enfrentada pelas pessoas que apresentavam qualquer deficiência, surgiram críticas a respeito de um processo de exclusão no interior da própria escola.

Nas instituições especializadas, o trabalho era pautado nas terapias individuais diversas e pouca ênfase era dada às atividades acadêmicas, que não ocupava muito tempo do horário dos alunos, pois não havia perspectivas em relação ao aprendizado da clientela deficiente.

A Constituição Federal em seu artigo 208 recomenda a inserção dos alunos com deficiências, *preferencialmente no sistema regular de ensino*. Este modelo educacional, denominado Integração, presente na maioria dos sistemas escolares, objetiva preparar os alunos das classes especializadas para ingressarem no sistema regular de ensino e receberem paralelamente atendimento em salas de recursos especializados.

No entanto este modelo tem sido bastante criticado pelo fato de exigir uma preparação prévia do alunado portador de necessidades especiais para sua adaptação ao ensino regular.

Dessa forma, o problema continua centrado no aluno e no ensino especial, enquanto à escola, cabe apenas educar aqueles que tenham condições de acompanhar as atividades regulares, concebidas sem qualquer preocupação com as necessidades individuais dos alunos.

Nesse modelo a maioria dos alunos com necessidades especiais continua segregada em classes especiais, por não apresentarem condições de ingresso nas turmas do ensino regular. Surgiram muitas críticas ao modelo de Integração que desencadeou a proposta de Educação Inclusiva, amparada atualmente pela legislação em vigor e convertida em diretriz para as políticas públicas educacionais a nível federal, estadual e municipal.

No processo de Educação Inclusiva, todos os alunos, independentemente do tipo ou grau de comprometimento, devem ser matriculados diretamente no sistema regular de ensino, cabendo à escola se adaptar para atender tais necessidades.

Após a introdução da Educação Especial feita pelo SEESP – (1986), originada do CNEP (criado em 1973), no planejamento das políticas públicas educacionais foi criada uma nova modalidade de classe especial, agora não mais localizada em instituições especiais e sim dentro da própria rede regular de ensino. Segundo Ferreira e Glat (2003, p. 47)

[...] foram implantados subsistemas de Educação Especial nas

diversas redes públicas de ensino através da criação de escolas e classes especiais, assim como projetos de formação de recursos humanos especializados em todos os níveis, inclusive enviando docentes para pós-graduação no exterior.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias e técnicas específicas, foi possível permitir a oportunidade de aprendizagem e o desenvolvimento acadêmico dos sujeitos até então alijados do processo educacional. “A ênfase não era mais a deficiência intrínseca do indivíduo, mas sim a falha do meio de proporcionar condições adequadas que promovessem a aprendizagem e o desenvolvimento” (GLAT e FERNANDES, 2005, p. 54).

Entretanto, apesar desses avanços, “a Educação Especial funcionava como um serviço paralelo, com currículos e organização própria.” Paraphrasing Bueno (2001) e Fernandes (1999), as classes especiais serviam como espaço de segregação para aqueles que não se enquadravam no sistema regular de ensino, do que uma possibilidade de ingresso na rede de alunos com deficiências, cuja maioria ainda continuava em instituições especializadas.

Assim, a política de integração demanda novas expectativas sociais e conseqüentemente surge a criação da proposta de “Educação Inclusiva”.

Pensando no momento atual da política de inclusão escolar que estamos vivenciando neste momento Glat (2007, p. 17) defende que:

A Educação Especial não deve ser concebida como um sistema educacional especializado à parte, mas sim como um conjunto de metodologias, recursos e conhecimentos (materiais, pedagógicos e humanos) que a escola comum deverá dispor para atender à diversidade de seu alunado.

A Educação Especial, modalidade da educação escolar, um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educativas especiais, em todas as etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2001, p.39).

Nas duas últimas décadas surge uma nova proposta de educação para os alunos com necessidades educativas especiais, chamada Educação Inclusiva.

Em 1990 a Educação Inclusiva passa a ser reconhecida como diretriz educacional em vários países, inclusive no Brasil. Formula-se uma política de Educação Inclusiva que:

diz respeito à responsabilidade dos governos e dos sistemas escolares de cada país com a qualificação de todas as crianças e jovens no que se referem aos conteúdos, conceitos, valores, experiências materializados no processo de ensino-aprendizagem escolar, tendo como pressuposto o reconhecimento das diferenças individuais de qualquer origem (GLAT, 2007, p.16).

Surge então um modelo de educação, na qual objetiva oportunizar o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educativas especiais as escolas regulares. No entanto, segundo Glat (2007), para tornar-se inclusiva a escola precisa formar seus professores e equipes de gestão, e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem. Precisa realimentar sua estrutura, organização, seu projeto político pedagógico, seus recursos didáticos, metodológicos e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas.

A proposta de Educação Inclusiva ganhou força na década de 90 com a difusão de movimentos internacionais que originaram entre outro, A Declaração *de Salamanca*.

Esta tem como proposta que “as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares e que a elas deve se adequar [...]”, levando em consideração que são as escolas: “os meios mais capazes de combater atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo uma educação para todos...” (UNESCO, 1994, p. 8-9).

É importante pensar numa escola inclusiva que não se resume apenas à matrícula do educando com deficiência na escola do ensino regular, ou à presença em sala de aula, mas que dê espaço para um ambiente próprio de aprendizagem, no qual eles possam permanecer e desenvolver suas capacidades de aprendizagem individuais e conjuntamente.



A inclusão não significa, simplesmente, matricular os educandos com necessidades educativas especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte, o suporte necessário à sua função pedagógica (MEC/ SEESP, 2001).

Neste sentido, a Educação Inclusiva não elimina o AEE, e sim defende uma educação inclusiva sem atitudes e práticas discriminatórias. Atualmente o paradigma de Educação Inclusiva representa

desenvolvimento de um processo de transformação de concepções teóricas e das práticas da Educação Especial, que vêm historicamente acompanhando os movimentos sociais e políticos em prol dos direitos das pessoas com deficiência (GLAT, FONTES e PLETSCHE, 2006, pp. 21-22).

Para isso, As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial (MEC/ SEESP, 2001), a Escola, em seu projeto político pedagógico, no currículo, na metodologia, na avaliação e nas estratégias de ensino, ações que favoreçam a inclusão social e práticas educativas diferenciadas que atendam a todos os alunos. Pois uma escola inclusiva não deve apenas acolher a diversidade do alunado, mas, valorizá-la.

A Educação Inclusiva, de acordo com a resolução CNE/ CEB nº 2 de 2001, é atualmente a política educacional oficial do país, amparada pela legislação em vigor e convertida em diretrizes para a educação Básica dos sistemas federal, estadual e municipais de ensino.

Art. 2º Os sistemas de ensino devem matricular a todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidade educativas especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2001).

O avanço de novas proposições conceituais da Educação Inclusiva também tem trazido grandes desafios para a Educação. A Educação Especial vem sendo obrigada a redimensionar o seu papel, que antes era restrito ao atendimento direto dos educandos com necessidades especiais, para se constituir num “sistema de suporte” para a escola regular que tenha alunos especiais incluídos.

Melhor dizendo, hoje a Educação Especial é concebida como um conjunto de recursos que a escola regular deve ter à sua disposição para atender à diversidade de seus alunos. Assim sendo, é importante ressaltar que existe uma falsa dicotomia entre a Educação Especial e a Educação Inclusiva, como se o advento de uma representasse a descontinuidade da outra; [...] “pois num sistema educacional inclusivo, o suporte da Educação Especial é imprescindível” (GLAT e PLETSCH, 2004, p. 76).

É importante ressaltar que no processo de ensino-aprendizagem há alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem denominadas necessidades educacionais especiais que são aquelas demandas exclusivas dos sujeitos, que para aprender o que é esperado para o seu grupo referência, precisam de diferentes formas de interação pedagógica e / ou suportes adicionais: recursos, metodologias e currículos adaptados, bem como tempos diferenciados, durante todo ou parte do seu processo escolar (CORREIA, 1999; BLANCO, 2001, p. 105).

Para Carvalho (2003), a expressão “pessoa portadora de deficiência tem sido substituída por pessoa portadora de necessidades especiais, ou portadora de necessidades educacionais especiais”, quando referidas à escolarização, esse uso objetiva descaracterizar as deficiências, deve-se ter cautela, pois nem todos os alunos que apresentam necessidades educativas especiais são pessoas com deficiência. Torna-se válido salientar o que lembra Glat (2007), “[...] necessidades educacionais especiais não é o mesmo que deficiência”. Esta por sua vez diz respeito às condições orgânicas do indivíduo.

É necessário reconhecer que atualmente, a modalidade de Educação Inclusiva representa um desenvolvimento do processo de transformações das concepções teóricas e das práticas da Educação Especial, as quais historicamente têm acompanhado movimentos sociais e políticos em defesa dos direitos das pessoas com deficiências.

A tarefa da Educação Inclusiva com qualidade não tem sido tarefa fácil, pois, a escola precisa reorganizar seu funcionamento, metodologias e recursos pedagógicos, além de conscientizar e capacitar seus profissionais para essa nova realidade. No tocante a essa realidade, o ensino de qualidade para a clientela da Educação Inclusiva Bueno (1999) assinala que os professores do ensino regular tenham um mínimo de conhecimento e prática sobre alunado

diversificado.

Para tanto, vale ressaltar que a noção de uma escola inclusiva não se restringe à inserção dos alunos com necessidades especiais, os quais não só por sua vez, os únicos excluídos do processo educacional. Entretanto o nosso sistema regular de ensino tem se mostrado incapaz de lidar com o número cada vez maior de alunos com necessidades educativas especiais (BUENO, 1999).

Assim, ao adotar a proposta de Educação inclusiva, com sua ênfase em práticas pedagógicas diversificadas e adaptadas às necessidades educacionais de todos os alunos, a escola estará, em última instância, desenvolvendo um trabalho preventivo, e contribuindo em direção à meta de equiparação de oportunidades educacionais. Sem a qual não se poderá constituir uma sociedade democrática.

Segundo Ainscou (2004), a Inclusão escolar pressupõe três elementos básicos: primeiro, a presença, o que significa estar na escola, superando o isolamento do ambiente privado e inserindo o indivíduo num espaço público de socialização e aprendizagem; segundo a participação que depende, no entanto, do oferecimento das condições necessárias para que o aluno realmente possa interagir plenamente nas atividades escolares; e terceiro, a construção de conhecimentos, sem há qual pouco adianta os outros dois aspectos anteriores.

O paradigma da Educação Inclusiva tem instigado aos professores reformulações no cotidiano escolar, reflexões e atitudes “inovadoras” diante do processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/96) entre outros referenciais que norteiam o nosso sistema educacional, contempla o processo de inclusão escolar no que diz respeito ao desenvolvimento dos planejamentos diários; que devem articular aspectos como procedimentos e recursos didáticos para uma educação que respeite o ritmo, a cultura e as especificidades de cada aluno.

Objetivando atender às demandas de todos os alunos, é importante o professor analisar algumas questões como: de que maneira todos os alunos poderão participar da aula proposta; se há necessidade de apoio, adaptações e como fazê-las para sua plena participação; que expectativas devem ser esperadas e/ou modificadas para que a atividade seja efetivada, bem como os

objetivos prioritários para a aprendizagem (STAINBACK e STAINBACK, 1999).

No sentido de efetivar a proposta de inclusão escolar e favorecer o aprendizado de alunos com necessidades educativas especiais, foi então desenvolvido o conceito de adaptações curriculares; considerando que estas envolvem tanto as transformações que a escola precisa para garantir a acessibilidade aos alunos quanto às adaptações curriculares propriamente ditas (CORREIA, 2003).

Para efetivar a proposta de Inclusão Escolar a fim de favorecer o aprendizado acadêmico dos alunos com necessidades especiais, foi necessário desenvolver o conceito de adaptações curriculares. Lembrando que estas envolvem tanto as transformações que a escola precisa fazer para garantir a acessibilidade aos alunos, quanto às adaptações pedagógicas ou curriculares propriamente ditas (CORREIA, 2001; MEC/SEESP, 2003; MACHADO, 2005).

É através das adaptações curriculares, que torna possível permitir a eliminação ou a introdução de objetivos específicos, complementares ou alternativos de conteúdos, como forma de favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais específicas.

Para a Educação Inclusiva, a construção de um currículo requer, quando necessário, eliminar, introduzir ou modificar algum objetivo, conteúdo ou atividade, respeitando o processo de aprendizagem dos alunos, assim como modificar o tempo previsto para atingir os objetivos propostos.

Entretanto não deve ser interpretado como empobrecimento ou desvitalização dos conteúdos, mas considerar a diversidade da turma, a fim de que as atividades propostas pelo professor possam propiciar o desenvolvimento de todos os alunos (MACHADO, 2005).

As adaptações curriculares, nesse sentido, têm papel importantíssimo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, e dizem respeito às ações empreendidas pelo sistema escolar almejando eliminar os impedimentos e acrescentar os recursos próprios que auxiliem na garantia de aprendizagem no alunado especial.

No que tange à questão de adaptações e acessibilidade ao currículo, podemos citar alguns aspectos importantes como a transcrição de textos para braile e utilização de outros recursos pedagógicos adaptados para alunos com

deficiência visual. Moreira e Baumel (2001) argumentam em favor de uma inclusão real, que repense o currículo escolar, que efetive um atendimento público de qualidade.

Na perspectiva da Educação Inclusiva considera que os conteúdos a serem trabalhados em classe não são apenas um fim em si, mas um meio para o desenvolvimento das estruturas afetivo-cognitivas dos alunos. Através de recursos e técnicas cada vez mais eficazes, tornou-se possível proporcionar às pessoas com deficiências maiores condições de adaptação social, superando muitas de suas dificuldades.

## **1.2 DEFICIÊNCIA AUDITIVA: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO MEDIADA PELO USO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

Segundo Jobim e Souza (2007), vive-se atualmente numa sociedade dominada pelos dogmas visuais da esteticização da realidade, da transformação do real em imagens, cujas consequências para o homem contemporâneo poderão ser a do anonimato sobre o pessoal, a do imaginário sobre o real.

Para o correto questionamento de uma estrutura educacional de qualidade para os alunos surdos, é imprescindível refletir sobre os liames da deficiência auditiva.

Neste sentido, deve-se ressaltar que o surdo é um sujeito que aperfeiçoa sua experiência visual na organização interna (biopsico) e externa (social) numa interligação cultural e assim estabelecendo as bases de uma Língua que privilegia a forma concreta do seu pensamento: a Língua de Sinais.

Este contexto de desenvolvimento somente se torna viável, quando lhe é proporcionado os meios adequados para a sua construção. Ocorre, porém, isso muitas vezes lhe é negado, alegando ser algo sem significado, sob o fundamento de não contemplar o homem contemporâneo, razão pela qual, o surdo se torna um anônimo cheio de sonhos e imaginações.

Em que pese o seu anonimato, o surdo estará sempre imerso no mundo de experiências visuais, por meio das quais constrói ideias e pensamentos sobre a vida, fazendo sua leitura de mundo, criando conceitos, estabelecendo suas próprias regras. Entretanto, quando se depara com a maioria (ouvintes)

tenta compreender e acompanhar um modelo social que não contempla suas experiências visuais, mas que o impõe a se adaptar a um contexto oral-auditivo, que tem como base uma forma ideológica de poder.

As representações sociais de modo geral analisam na sua forma discursiva na linguagem em que se estimulam a respeito de suas identidades imaginárias, isto é, sendo concebidos como seres ouvintes, em uma dimensão histórica no contexto agradável e aceitável para a sociedade (STROBEL, 2007, p. 48).

Nesta concepção surge o estigma de que o surdo para sair de seu anonimato deve desconstruir conceitos de uma cultura silenciosa para uma cultura da deficiência.

A sociedade tem uma concepção clínica dos surdos, vendo-os como pessoas que precisam ser normalizadas, tratadas, curadas. Tais concepções durante muitos anos marcaram e ainda marcam o preconceito de que as pessoas surdas só poderão ter sucesso na vida se forem ensinadas a “ouvir”, com o uso de próteses auditivas, e atualmente com o advento dos implantes cocleares; fazendo leitura labial e treinamentos vocais constantes com a possibilidade de apropriação do conhecimento, fora isso ficam segregados e são empregados como mão de obra barata, no mercado de trabalho.

No contexto escolar reproduz-se a cultura de que as crianças surdas são trabalhadas por metodologia oralista, desenvolvendo uma forma de comunicação que desconhece a(s) Língua(s) de Sinais e também a Portuguesa, acabando por assumir a posição de D.A em detrimento de uma Cultura Surda. Quem é esse sujeito surdo? Qual sua identidade? Das vivências visuais ou da imposição oralizada?

De fato, quanto mais insistem em colocarem 'mascaras' nas suas identidades e quanto mais manifestações de que para os surdos é importante falar para ser aceitos na sociedade, senão eles ficam nas suas próprias sombras, medos, angústias e ansiedades, as opressões das práticas ouvintistas são comuns na história passada e presente para o povo surdo (STROBEL, 2007, p. 48).

Por outro lado é possível vislumbrar outros caminhos, que foram conquistados por Comunidades Surdas, e hoje estão sendo, pouco a pouco,

inseridos no contexto sócio-histórico-cultural do país, através das políticas públicas.

Um desses caminhos é a regulamentação da LIBRAS Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 como Língua oficial para o povo Surdo Brasileiro, estabelecendo com o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 a sua inclusão como disciplina curricular.

Esse ato marca, historicamente, a grande possibilidade de mudanças tanto nas relações políticas e sociais, quanto na educacional, oportunizando discussões e enfrentamentos sobre novas concepções da surdez.

Nas práticas pedagógicas observa-se que há ainda, grande distância da inclusão entre os alunos surdos, numa turma de ensino regular, com alunos ouvintes, como é proposto pela Política Educacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008).

Desse modo evidencia-se a inadequação de estratégias e adaptações utilizadas para o ensino da Língua Portuguesa e outros conteúdos de outras disciplinas, visto que numa escola inclusiva é preciso que toda a Comunidade Escolar tenha clareza que não há como os alunos Surdos aprenderem da mesma forma que os alunos ouvintes, ficando explícita a lógica da homogeneidade, que parte do princípio que os iguais precisam ser agrupados entre os iguais e que a escola acaba excluindo do seu espaço os que são considerados diferentes.

Segundo a Portaria nº555/2007/MEC, a inclusão não pode ser concebida como mera inserção, alocação, integração do aluno Surdo no espaço escolar, mas como aquela que atente à diversidade e contemple conhecimentos sobre as especificidades de todos os alunos.

Apesar de todo acolhimento e simpatia por colegas e professores ouvintes, há necessidade de buscar o conhecimento em que realize um trabalho de valorização das diferenças, pautado no desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo e seu preparo para estar inserido no contexto social (LORENZETTI, 2002:8).

E nesta perspectiva é observado, também o que há de mais importante entre surdos e ouvintes para a efetiva comunicação; a língua. Uma Língua que não somente favoreça a comunicação entre todos, mas principalmente a

aquisição do conhecimento sendo (Língua Brasileira de Sinais- L1: primeira língua e Língua Portuguesa- L2: segunda língua).

O Decreto nº 5.626/05 determina que deve ser ofertada, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos. Ademais determina ainda que deve apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;

Em que pese todo o respaldo legal, que estabelece a acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização, faz-se necessário desconstruir concepções clínicas que ficaram arraigadas nas relações entre surdos e ouvintes, uma que o surdo é visto com um ser que tem defeito e precisa ser consertado e caso não consiga se “adaptar” ele é incapaz ou apresenta outros problemas de ordem neurológica e não específica.

Percebe-se, contudo, concretamente, a necessidade de uma transformação objetiva quanto às atitudes, aos estereótipos e aos imaginários sociais que correspondem ao poder e ao saber clínico/terapêutico; transformação essa que implica toda uma desconstrução das grandes narrativas e dos contrastes binários (BAUMAN,1991; SILVA, 1995) presentes nessa educação; uma trajetória que implica, também, toda uma revisão sobre questões relacionadas com as identidades, as linguagens e o multiculturalismo dos surdos (SKLIAR,1997).

Desse modo, os profissionais e familiares que estão envolvidos com alunos/sujeitos Surdos precisam buscar conhecimentos e informações, para transformar tais concepções em posturas mais reflexivas, e assim perceber como ocorrem as múltiplas experiências visuais dos Surdos no contexto sócio-cultural.

É indispensável que o surdo tenha a oportunidade de construir sua própria identidade, através de uma escola inclusiva com professores conscientes das diferenças, sabedores da Libras, interessados, participativos, competentes, assim como as famílias conscientizadas dos seus deveres, a partir de seus direitos em busca da melhoria do ensino para os seus filhos Surdos nas escolas.



Pode-se afirmar, com isto, que a construção de uma educação inclusiva nas escolas de ensino regular da rede pública de educação passa, antes de tudo, pelo reconhecimento das suas diferenças significativas com o convívio e o enfrentamento de novos desafios em um mundo globalizado.

É necessário que se conheça o outro reconhecendo nele sua capacidade criadora e independente, respeitando e compreendendo essas diferenças como potencial de transformação de vida, de mundo. Sob esta perspectiva, segundo Skliar (1997), compreender a surdez como diferença significa reconhecer politicamente essa diferença.

Na verdade, somos todos diferentes. Cada indivíduo com suas peculiaridades, somos um povo diferente e, portanto, precisamos conviver com as diferenças da melhor forma possível. O respeito ao outro e as suas peculiaridades é fundamental, pois através deste respeito temos a possibilidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA E PESQUISA**

Segundo Minayo a ciência é uma forma de produção do conhecimento com base na análise de um objeto da realidade através do uso de métodos científicos na tentativa de compreender essa mesma realidade, uma produção cultural humana na tentativa de compreender uma realidade que nunca se esgota.

Sob esta perspectiva a pesquisa é “a atividade básica da ciência, na sua indagação e construção da realidade”.

Na sociedade ocidental, no entanto, a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade considerada por muitos críticos como um novo mito, por sua pretensão de único promotor e critério de verdade [...] (MINAYO, 1994, p.10).

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza os conhecimentos frente á realidade do mundo. “[...] A pesquisa vincula pensamento e ação”. (MINAYO, 1994, p.17).

### **2.2 MÉTODOS DE PESQUISA**

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que envolve, portanto, uma abordagem descritiva do seu objeto de estudo. Os pesquisadores estudam buscando compreender e interpretar o fenômeno por meio dos significados a eles atribuídos pelas pessoas (Gil 1996).

Neste estudo em particular objetiva-se identificar a inclusão escolar de jovens com deficiência auditiva numa sala regular no município de Ibititá - BA, por meio das observações das práticas pedagógicas nesta escola para a aprendizagem e escolarização dos alunos.

### **2.3 CONTEXTO DA PESQUISA**

Este estudo foi desenvolvido nos municípios de Ibititá-BA e Irecê-BA,

ambos localizados no Sertão Baiano e são cidades de pequeno porte com aproximadamente dezenove (19) e trinta (30) mil habitantes respectivamente que tem na agricultura a sua principal atividade, sendo que Irecê é a cidade pólo da microrregião.

Ibititá-BA é uma cidade que sofre com as consequências da seca e por terem na agricultura sua principal fonte econômica o seu crescimento econômico foi prejudicado, sendo uma das razões pela qual predomina nestes municípios famílias de baixa renda, na sua grande maioria beneficiárias dos programas assistenciais do Governo Federal, sendo que tem nestes a sua principal fonte de renda.

Durante anos se destacava por ser uma das principais cidades em cultivar o feijão, sendo nossa região conhecida como a “terra do feijão”, mas apesar da escassez de chuva vivida atualmente, há agricultores que investiram em irrigações com abertura de poços, cultivam cenoura, beterraba, tomate, aipim, batata doce, abóbora, melancia, mamona, milho, criação de gado e derivados do leite, funcionando o comércio que apesar de ser pequeno, porém muito significativo.

Apesar de Ibititá ser uma cidade de pequeno porte, temos Hospital, ambulância móvel, expansão da rede de ensino, a exemplo do Colégio citado nas observações, no qual foi criado há dez (10) anos diante o aumento da demanda e atualmente outro Colégio está sendo expandido. Assim, com essa expansão esperamos mais escolas, mais educação e em consequência mais emprego.

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas municipais, onde em Ibititá encontra-se setecentos e setenta e um (771) alunos matriculados, distribuídos em vinte e quatro (24) turmas do ensino fundamental II do 6º ao 9º ano e a EJA denominados de Eixo V, em Irecê encontram-se quinhentos e dez (510) alunos matriculados, distribuídos em nove (9) turmas do ensino fundamental I do 1º ao 5º ano e oito (8) turmas do fundamental II do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

## **2.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Os participantes da pesquisa foram quatro (4) professores regentes sendo dois (2) do município de Ibititá e dois (2) de Irecê, regentes das turmas

em que os alunos estavam matriculados, bem como os dois (2) alunos com deficiência auditiva e os demais alunos da turma em estudo, além das duas famílias dos alunos com deficiência auditiva.

## **2.5 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

Foram utilizados como técnicas para o levantamento dos dados da pesquisa: a) observação livre das aulas dos professores com registros no diário de campo; b) visitas e conversas feitas com os alunos e as mães dos alunos; e c) observação e participação das atividades desenvolvidas pelos professores em sala de aula.

## **2.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS LEVANTADOS**

A técnica de análise de conteúdos que utilizamos nesse estudo foi baseada em Minayo (1944) no intuito de analisar o uso de recursos “próprios” utilizados no ensino-aprendizagem de alunos com necessidades especiais.

Segundo essa autora a análise de conteúdos pode ter duas funções: A primeira como verificação de hipóteses ou de questões “nas quais podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses)”. E a segunda que trata da descoberta do que está implícito nos “conteúdos manifestos”, superando muitas vezes as aparências do que está sendo comunicado.

A pesquisa se efetivou com observações aos dois (2) alunos em questão, e aos quatro (4) professores regentes das turmas. Após tais observações foram feitas visitas às famílias dos alunos observados, para verificar a importância da relação família-escola no processo de inclusão dos alunos.

## **2.7 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA**

- a) Foi apresentada a Direção da Escola, e aos professores regentes da turma em estudo e aos responsáveis pelos jovens com deficiência auditiva um termo de consentimento livre e esclarecido permitindo a

- realização do estudo;
- b) Foi feita a observação livre de dez (10) aulas no ensino regular, dez (10) aulas no AEE em Ibititá, mais dez (10) aulas no AEE em Irecê registrando o conteúdo trabalhado, os conceitos ensinados, as estratégias didáticas utilizadas para o processo de inclusão;
  - c) Foram realizadas conversas com os professores levantando as principais dificuldades e as alternativas que eles criam para trabalhar os conteúdos e seus conceitos com a turma na qual estuda os jovens com necessidades especiais;
  - d) Foram feitas observações com os alunos levantando quais as principais dificuldades, facilidades para entender e aprender o conteúdo desenvolvido nas aulas;

### **3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: CONSTRUINDO CAMINHOS PARA A INCLUSÃO/ APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS**

#### **3.1 CONSTRUINDO O ESTUDO**

A referida pesquisa foi desenvolvida em duas (2) escolas públicas municipais, localizada na cidade de Ibititá no Estado da Bahia, com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental II matutino, composta por trinta (30) alunos entre estes a aluna com deficiência auditiva e o outro aluno do 8º ano do EJA Eixo V noturno, composta por quarenta (40) alunos e a outra localizada na cidade de Irecê no Estado da Bahia, com a turma do AEE composta por trinta e dois (32) alunos entre estes dois alunos com D.A.

Como etapas do estudo constituem-se a observação livre de trinta (30) aulas, as observações feitas com os professores da turma e com os alunos com deficiência auditiva.

Como desdobramento do que foi levantado nas conversas e nas observações buscou-se refletir sobre o processo de inclusão e maneiras que contribua para a construção do conhecimento de todos os alunos, destacando o uso de estratégias “próprias” para a aprendizagem das pessoas com D.A.

Na observação das aulas houve contato direto com os alunos, bem como com as suas mães. Assim tive a oportunidade de conhecer a realidade da turma, vivenciando o dia-a-dia da prática pedagógica, verificando a aprendizagem dos alunos com D.A e a importância do envolvimento da família no processo de construção do conhecimento.

#### **3.2 DESCREVENDO OS PARTICIPANTES**

São dois (2) alunos com D.A, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, ambos moradores do município de Ibititá, no entanto, a garota mora no Centro e o garoto no povoado de Boa Vista de Ibititá. Alunos da rede regular de ensino do 8º ano do Ensino Fundamental II com atendimento paralelo na terça-feira pela manhã em Irecê e à tarde em Ibititá.

### 3.2.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Participante 1: Luísa dezessete (17) anos, sexo feminino, solteira, não tem filho e é portadora de D.A.

Participante 2: Pedro dezessete (17) anos, sexo masculino, solteiro, não tem filho, também portador de D.A.

### 3.2.2 DEPOIMENTOS DAS MÃES: HISTÓRIAS DE VIDA

a) Mãe da Luísa:

Reside na Rua Vital Vilela, bairro de Ibititá. Não soube dizer a idade direito, acredito não ser alfabetizada perguntei se sabia ler e escrever me disse que sabe umas coisas alegando por estar com a vista ruim, mas percebi que não sabe muito ou nem sabe acho que não teve coragem de falar.

Pessoa humilde, sofrida, mãe de cinco (5) filhos, três (3) homens e duas (2) mulheres, deficiente auditiva somente Luísa a caçula. Quando perguntei sobre a deficiência da filha pela sua declaração tive absoluta certeza o quanto é leiga, não soube dizer se ela nasceu ou se foi com o tempo, mas diz que quando criança pronunciava mamãe e algumas outras palavras. Descreve sua filha como uma menina doce, sempre gostou de criança, onde não podia ver um bebê e logo se aproximava, interagia com as outras, uma criança sociável, alegre, sorridente, só foi perceber a deficiência da filha aos três anos de idade. Entrou na Escola antes dos seis anos na Escola de Laranjeira povoado de Uibaí-BA, onde um primo dava aula.

Dona Simone é separada, seu marido a abandonou quando Luísa tinha apenas dois meses de nascida, não dá nenhuma assistência, nem sequer ver a filha quando vem a Ibititá-BA a ignora ao ponto da Luísa não o reconhecê-lo como pai. Vi o quanto é guerreira, pois lutou a vida inteira para criar seus filhos sendo mãe e pai e agora mais ainda, pois mora sozinha com sua filha. É uma pessoa simples, pouco instruída, não trabalha, o cartão Bolsa Família da filha foi cortado e hoje vive do quase nada que recebe de pensão designada pelo juiz. A dificuldade é tão grande, que devido não haver renda veste o que as pessoas dão, e o pouco que tem, paga água, luz e se alimenta.

A minha curiosidade desde o início da minha observação era saber como Luísa

aprendeu a falar libras, nenhum professor sabia me informar. Aos oito anos foi para a Capital Salvador com uma prima e um primo o qual o chama de pai, lá estudou em uma escola especializada onde aprendeu libras. Sempre vinha visitar a mãe, permaneceu na Capital por quatro anos, veio embora por não querer ficar distante da mãe, segundo Dona Simone era pelo fato de ficar presa.

Finalizando nossa conversa me disse querer tirar a filha do Colégio pelo fato da filha ter aparecido algumas vezes com manchas no corpo, mas ressaltei a ela o quanto a educação é importante e essencial para o desenvolvimento social e humano da criança e o seu procedimento é ir até a Secretaria e buscar soluções junto a eles. Mas o fato é pela sua simplicidade, por não ser instruída e não saber lidar com essa situação.

Ressalto também que sua mãe não sabe libras, ao ponto de quando Luísa tenta comunicar pela língua de sinais ela diz: “Você está me xingando, vai xingar quem te ensinou”... assim, é complicado sua comunicação por não saber e muitas vezes perder a paciência.

Contudo, esse meu contato foi muito importante para compreender a questão da família e suas particularidades. Agradeço a colaboração, pelo fato de não só enriquecer o meu trabalho, mas o meu lado humano, em que vejo que muitas vezes reclamamos da vida não vendo o quanto existem pessoas necessitadas em situações piores do que a nossa.

#### b) Mãe do Pedro:

Fui até o Colégio, e assim como fiz com a mãe da Luísa me apresentei e disse a finalidade da minha observação. Devido estar em sala juntamente com o filho meu contato foi maior e bastante colaborado pela mesma.

Casada, mãe de três filhos, sendo o Pedro primogênito e o único especial.

Pedro nasceu com falta de oxigenação no cérebro e em consequência teve paralisção do lado esquerdo juntamente com a deficiência auditiva.

Devido ao problema do filho aos onze (11) meses de nascido a família foi para São Paulo. Lá estudou na Escola Helen Keller (uma criança cega e surda), foi também nessa escola que a mãe fez o curso de libras, porém



aprendeu mais na convivência com o filho. Afirmou que o desempenho do Pedro se deu muito por essa escola, uma escola especial destinada apenas aos alunos especiais, onde o tratamento dado foi fundamental para o seu desenvolvimento e aprendizado. Complementou dizendo ser uma escola tão instruída que todos dos que serviam o cafezinho ao porteiro falavam em libras.

Devido a distância a maior dificuldade era quanto à condução, no qual eram necessários dois (2) metrô, dois (2) ônibus e uma (1) van, mesmo assim não desistiu, ia com o Pedro e sua filha ainda de colo.

Por causa do Pedro sente muito em ter vindo embora, há dois (2) anos estão de volta à Bahia. Retornou por causa da violência, onde foi vítima de um assalto e feita de refém e outros fatores que prefere não falar. Seu sentimento é pelo fato de ver o quanto o filho sente falta, fica sempre olhando as fotos e foi graças ao atendimento diferenciado que seu filho pode aprender a se comunicar e desenvolver suas habilidades.

Perguntei sobre seu convívio familiar, sempre teve carinho, cuidado entre todos, pais e irmãos, desenvolveram entre eles uma forma de comunicação por meio de gestos já que não sabiam libras, mas ao aprender segundo a mãe o Pedro não quis mais se comunicar como antes, apenas por LIBRAS.

Segundo Márcia a surdez do filho é quase total, já foi feito alguns testes e por ouvir um pouco, praticamente quase nada, irá usar aparelho para identificar sons muito altos como bater porta e sons de carro.

Em minhas observações anteriores fui informada que não importava as notas que tiravam na rede regular, suas avaliações eram feitas pelo desenvolvimento no AEE nas duas (2) escolas, mas Márcia me enfatizou com muita precisão que não há nenhuma interação entre as duas escolas. Inclusive ela mesma já tentou fazer essa ponte, em que professores se propuseram vir à escola para fazer palestra, desenvolver idéias e atividades, enfim trabalhar em conjunto para um bem em comum, mas não houve resposta. Somando forças é possível desenvolver trabalhos em complementação ao outro e assim aos poucos essa inclusão, no qual tanto almejamos mesmo em passos lentos venha acontecer.

O Pedro estudava à tarde na sala regular, pelo fato dele estar chegando nervoso em casa, houve um dia em que Márcia foi assistir aula juntamente com

o filho e constatou que da forma como estava era impossível Pedro se desenvolver. Assim por amor e dedicação decidiu voltar a estudar e perguntou a diretoria se poderia mudá-lo para noite, já que à noite é apenas EJA. E hoje os dois estudam na mesma sala no 8º ano do Ensino Fundamental II denominado Eixo V, em que sua mãe o auxilia como sua tradutora, no entanto ela diz que há muita coisa que não compreende por ter um tempo sem estudar. Ressaltou também que ao voltar de São Paulo, ao saber da Escola em Irecê-BA ficou bastante feliz, porém não foi o que esperava quando soube que era somente uma vez por semana, pois achava que era integral.

Após as primeiras aulas, Márcia foi relatando que o AEE iniciou na escola em Ibititá depois de sua insistência, diante a necessidade dessa sala multifuncional.

Quando chegou a escola com o Pedro os profissionais ficaram perdidos, também pelo fato de uma mãe estar acompanhando o filho. O Atendimento na sala multifuncional teve início com três (3) dias na semana, mas devido ser muito cansativo, pois muitas vezes veio a pé e com isso desenvolveu um problema no joelho, onde fui informada por uma funcionária da secretaria de educação, que é um caso cirúrgico, do contrário com o passar do tempo correrá o risco de ficar paraplégico. Essa funcionária segundo Márcia é a interceptora em tudo que necessita para o filho em atendimento clínico. Mas foi a mãe que percebeu a necessidade de uma consulta ortopédica para seu filho e pediu um encaminhamento, do contrário o médico só passaria um remédio para dor. Em geral ela considera todos despreparados. Diante o problema no joelho, optou pela escolha de apenas um dia na semana terça à tarde, porém esse ano por falta de transporte Pedro não está vindo.

O AEE em Irecê também eram três (3) dias e pelo fato da moça que trabalhava em Irecê passar bem cedo para levá-lo, ficava sempre à espera do horário das aulas e quando terminava também tinha que esperar o horário do ônibus e com isso ficou muito cansativo, forçando sua mãe a escolher também apenas um dia. Pelo fato de hoje ter um carro que o leva e o traz de Irecê, ela não se sente no direito de exigir um transporte para o Atendimento à tarde em Ibititá.

Após o lanche, eu estava na diretoria e ele veio observando tudo que estava no mural e pegando livros para folhear.

Mesmo na infância ele nunca gostou de brinquedo, sempre se identificou com caderno, lápis e computador. Não é de brincar com os irmãos, a não ser nas pirraças, como por exemplo, o fato dele ser São Paulino e o irmão flamenguista. Faz sinal que o seu time está na terceira posição da tabela e o Flamengo o penúltimo colocado. Gosta muito de computador, tem em casa, fica o tempo todo pesquisando, inclusive consegue a localização da casa em que morou em São Paulo e consegue ver a frente da mesma. Márcia salientou o quanto Pedro gosta de política, futebol e religião, inclusive ela é católica e ele evangélico, assiste muitos cultos e eventos evangélicos pela TV e pelo computador. É bastante autêntico e de opinião, todos da sua família torcem pelo mesmo time menos ele, sua mãe além de ser católica é catequista, já o levou na catequese, mas disse que é evangélico e algumas coisas que escreveu em sua cabeceira da cama uma diz “Pedro pastor”.

Quando passou para noite, disse que foi muito difícil, ele não queria de jeito nenhum devido estar com interesse no namoro e à tarde ter bastante meninas da sua idade. Por ser muito independente não queria também que a mãe sentasse junto a ele.

Final de julho completa dezoito (18) anos, fica contando os dias dizendo à mãe que vai namorar. Todas as vezes que vê uma menina e se interessa pergunta se é solteira, não compreende ainda que tem a fase da conquista. Nas amizades é da mesma forma, pelo fato de sorrir, falar com ele, pegar em sua mão, diz ser amigo. Houve um episódio com um aluno, não da mesma sala em que o Pedro deu a mão várias vezes e o rapaz não aceitava, isso o afetou tanto que ficou por três dias sem dormir.

Seu aniversário está próximo e por gostar muito de aniversário, sua mãe comemorou todos os anos. Por ter participado de outros aniversários em que foi e teve boate, este ano quer uma festa com boate. No entanto, também quer um notebook, por achar que seu computador é ultrapassado, sua mãe mandou escolher e ele já escolheu o notebook. Mas ressaltou que não deixará de fazer pelo menos um bolinho.

Por quinze (15) anos Márcia visitou hospitais e escolas, tudo que pudesse ajudá-la à compreensão e de como lidar com seu filho, disse ter visto tanta coisa absurda. Hoje pela experiência adquirida consegue perceber crianças e jovens que possuam necessidades especiais.

Todo ano em Ibititá acontece o encontro dos paraibanos, onde seu pai é um dos organizadores e em uma reunião em que esteve presente com o Pedro, a secretária de educação ficou impressionada com sua desenvoltura na língua de sinais. Perguntou se ela teria condições de trabalhar com os deficientes da rede, por ter ficado tanto tempo sem estudar (parou no 6º ano) respondeu que não havia preparo. Voltou a estudar pelos seus três (3) filhos em especial o Pedro, mas contra a vontade do marido, sua pretensão é trabalhar e será mais satisfatório sendo na área da Educação Especial. Pelo convite da secretária se sentiu muito feliz, porém triste pelo fato de não haver nenhuma formação, não ter terminado nem o ensino médio, mas acredita nem tudo estar perdido. Diante disso tem a consciência que sem estudo não consegue nada e almeja concluí-los e conseguir um emprego seja qual for.

Tais depoimentos confirmam o que diz Glat e Fontes, quando afirma que A Educação Especial não deve ser concebida como um sistema educacional especializado à parte e sim como conjunto de metodologias, recursos e conhecimentos (materiais, pedagógicos e humanos) que a escola comum deverá dispor para atender à diversidade de seu alunado.

### **3.2.3 RELATOS DO AEE**

Relatório de Atendimento – Irecê-BA.

Participante 1: Luísa é uma excelente aluna começou a frequentar a sala de Recursos depois do primeiro semestre, é surda total tem boa apropriação da língua de sinais. O caminho percorrido pela pessoa surda durante o processo de apropriação da escrita através de estímulos visuais faz com que esse processo tenha mais sentido para a pessoa surda. A libras é o elemento indispensável para que essa apropriação aconteça com sucesso, pois é a língua que dará o subsídio necessário, visto que, ela é a língua natural da pessoa surda.

É importante destacar que quando à assimilação e fixação dos conteúdos a aluna é fantástica, independente e realiza todas as atividades, apresenta atenção e concentração na sala de Recursos e é participativa. A

referida aluna faz leitura de palavras, frases e pequenos textos, com o registro dos mesmos, sem auxílio frequente do professor, utiliza as redes sociais como uma forma de comunicação com fluência, reconhece e registra numerais fazendo uso adequado.

Luísa precisa compreender melhor a estrutura gramatical e o vocabulário da Língua de Sinais, para dar mais sentido aos conteúdos da sua língua. É proporcionada a aluna na sala de Recursos de metodologias, priorizando o bilinguismo e sempre levando em conta os três (3) momentos didáticos pedagógicos: AEE em LIBRAS, AEE de LIBRAS e o AEE de Língua Portuguesa.

Relatório de Atendimento – Ibititá-BA.

Luísa, dezesseis (16) anos, estudante do 8º ano nesta Instituição, é deficiente auditiva parcial, sabe libras e tem um desenvolvimento normal de aprendizagem. Necessita com urgência, de atendimento fonoaudiólogo e otorrinolaringologista, pois a mesma tem lapsos de fala (vez por outra diz algumas palavras) e, por escutar parcialmente, pode fazer uso de aparelho fonoaudiólogo melhorando significativamente sua audição e conseqüentemente seu desenvolvimento. Sabe ler e escrever normalmente, é esperta e se sai muito bem em todas as atividades propostas. É preciso que os regentes de classe tenham um atendimento diferenciado com a mesma, sentando-a a frente dos colegas para que possa entender melhor e auxiliá-la nas dificuldades procurando explicar com calma e pausadamente a consigna da aula.

Relatório de Atendimento – Irecê-BA.

Participante 2: Pedro, frequenta a sala de Apoio/Recursos é tranquilo, realiza atividades propostas com autonomia, apresenta bom desenvolvimento na sua primeira língua – Libras.

O aluno gosta de fazer pesquisa no computador, destaca em atividades que exige a memória visual, pesquisa, jogos eletrônicos, escrita do texto ao desenho e do desenho ao texto. Ler e escreve convencional, compreende os termos de adição, subtração e multiplicação com números pequenos, interpreta

pequenos textos, tem atraso no desenvolvimento lingüístico devido o atraso da aprendizagem da língua de sinais.

Com o processo de educação bilíngue que está sendo oferecido ao aluno o processo de construção de aprendizagem com a finalidade de favorecer a aquisição da leitura e escrita, tornando-as um veículo de comunicação que permita a integração social, e o processo metalingüístico lhes permite refletir sobre a linguagem. Dessa forma há um equilíbrio entre as habilidades e os conhecimentos anteriores, que ele já possui para o processo de aprendizagem, bem como o reconhecimento de suas limitações.

O aluno em estudo precisa compreender melhor a estrutura gramatical e o vocabulário da Língua de Sinais, para dar mais sentido a escrita. É proporcionado ao aluno na sala de Recursos metodologias, priorizando o bilinguismo e sempre levando em conta os três momentos didáticos pedagógicos: AEE em LIBRAS, AEE de LIBRAS e o AEE de Língua Portuguesa.

#### Relatório de Atendimento – Ibititá-BA.

Pedro, estudante do 8º ano da EJA, deficiente auditivo total, sabe libras e é alfabetizado, é esperto, inteligente e disposto. Passou muito tempo afastado do AEE, sendo assim muito pouco posso relatar. Boa interação com colegas e professores, apresenta raciocínio-lógico bem desenvolvido, escrita satisfatória dentro de sua limitação. Sua deficiência física o impede de um melhor desenvolvimento, no entanto sempre realiza o proposto mesmo com dificuldade. Obteve avanços relacionados à resistência que possuía em realizar alguma atividade que fugisse ao costume. No mais se encontra em constante progresso.

Analisando os relatos é perceptível o quanto é importante esse atendimento paralelo, onde alunos são analisados e observados a todo tempo, no entanto, há uma contradição no sentido em que a aluna Luísa é Deficiente Auditiva parcial ou total, visto que parcial ou total pelo fato da aluna não estar a uso do aparelho sua audição se compromete com o passar do tempo.

Da análise destes relatos, conclui-se que é indispensável conhecer o outro reconhecendo nele sua capacidade criadora e independente, bem como

respeitando e compreendendo essas diferenças como potencial de transformação de vida, de mundo.

Neste sentido conclui-se que, conforme Skliar e Glat, compreender a surdez como diferença significa reconhecer politicamente essa diferença.

### **3.3 DESCREVENDO AS OBSERVAÇÕES E AS IMPRESSÕES RESULTANTES**

Aula de matemática (duas aulas seguidas): Primeira aula observada, primeira percepção da observação.

Hoje está sendo feito teste de conta valendo um ponto e meio (1,5), que é realizado um em toda unidade.

A D.A sabe ler e escrever entende o que está escrito no quadro, um dado importante é que Luísa é alfabetizada. Segundo os colegas sempre senta junto à outra colega também D.A e conversam o tempo todo.

No momento está copiando, em seguida o professor explicou como fazer, a maneira que o professor faz é montar e resolver a primeira conta e direcionar como fazer as outras.

Luísa tem um entendimento rápido, boa percepção e tem iniciativa, acredito que pelo fato de ouvir um pouco, no entanto o que muito a ajudava era o uso do aparelho que está quebrado, ainda assim apresenta bastante desenvolvimento.

Vi que Luísa se atrapalhou na parte em que vai um, por exemplo, a soma  $6+4$  é dez (10) e ela colocou o 10, ao invés de colocar o zero e elevar o um, o professor entrevistou e a mostrou como fazer. A professora Dirce que faz o atendimento paralelo já havia me enfatizado esse fato. Também está se esquecendo de acrescentar a vírgula e o zero.

Em seguida aula de inglês: Acredito que se a nossa língua já é complicado, observei que ela não compreende nada, apenas está em sala olhando umas figuras mostradas no quadro pelo retroprojetor e conversando com a outra colega especial. Infelizmente o profissional tem que cumprir o seu trabalho com o restante da turma e não se preocupa com elas. Neste dia o professor estava bastante desmotivado, deixando claro sua insatisfação por

estar em sala de aula.

Com isso eu vejo a importância de um profissional a mais capacitado para realmente haver a interação e entendimento entre todos. Não culpo o profissional, é lamentável ver o quanto nossa realidade é defasada e cruel. Definitivamente não compreendem nada!

Aulas seguintes - Ciências: A sala está dividida em grupos. Em uma cartolina vão projetar uma ampliação da pirâmide alimentar, desenhando do que se alimentam. O professor está auxiliando a fazer a divisória da pirâmide com uma régua. A pirâmide consiste em uma representação gráfica que indica a proporção que deve ser ingerida de cada grupo alimentar em uma dieta saudável.

Devido já terem feito uma atividade parecida em casa, não estão tendo dificuldades em desenvolver. Luísa observa os alimentos que estão na pirâmide do livro e desenha na pirâmide projetada os alimentos que consome.

O trabalho é em grupo, mas Luísa faz apenas com a outra D.A e pelo fato da outra desenhar muito bem, muito bem mesmo, faz o desenho na cartolina. Enquanto desenhavam, estou aproveitando junto ao professor para conversar e um pouco mais sobre a realidade da escola. Segundo o professor por ser o único profissional especializado em Educação especial com foco em libras, no entanto ele só trabalha na sala regular três (3) horas semanais e não faz acompanhamento em outras aulas como tradutor, devido trabalhar em outras turmas e hoje em dia não é contratado para trabalhar nas salas multifuncionais, já trabalhou em 2012. Um fato relevante é que por quinze (15) dias totalizando cento e vinte horas (120) frequentou a APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, que segundo ele adquiriu muito conhecimento.

É interessante ressaltar que a interação com os colegas acontece, onde segundo o professor já foi passado para turma os sinais básicos e alguns alunos tentam contato e já compreendem algumas coisas com a ajuda das Deficientes Auditivas. Há uma aluna, que sabe todo o alfabeto em libras dialoga bastante com elas e inclusive auxilia professores nessa comunicação. Por ser uma linguagem complexa, no qual alguns sinais podem representar uma frase inteira, muitas vezes não compreendem, mas pedem para que



escreva para procurar entender.

Aula de Português: A professora passou quase uma aula para reclamar os alunos. Hoje está sendo trabalhado a gramática: voz passiva, analítica e sintética.

Luísa está em sala para fazer parte do ensino regular. Sabemos que sua aprendizagem é parcial, assim dizendo: aprende o básico como as palavras, os números com soma e subtração, enfim quando parte para um raciocínio maior como estudo gramatical, não há entendimento, sua limitação não alcança. Está apenas com o livro aberto e como não há nenhum tradutor para auxiliá-la não há como adquirir esse conhecimento, o professor está apenas trabalhando com os demais, infelizmente a inclusão está apenas na interação com os colegas, o aprendizado na sala regular é o mínimo, o que conta mais é a sua aprendizagem na Escola em Irecê, pois é de lá que são avaliados, segundo o professor não importa se tiram zero (0) em matemática ou um (1) em português, suas avaliações consistem do aprendizado desse atendimento especializado que não pode ser abaixo de cinco, mas em conversa com Márcia mãe do Pedro me afirmou que não há nenhuma interação entre as escolas. A realidade se consiste em estarem em sala regular porque é obrigatório, é de lei e também é uma exigência para participarem do AEE.

Por várias vezes a professora veio até a carteira da Luísa chamando a atenção, mostrando o quadro, mas como não compreendia ficava debruçada, conversava com a outra colega e olhava o celular. Pelo fato de estar ali, acho que a professora se sentiu incomodada e me disse que gostaria de saber se comunicar com as alunas, por ficar angustiada de vê-las não compreenderem.

Atendimento paralelo em Irecê-BA: A Escola em Irecê é da rede regular, este ano está atendendo do 1º ao 8º ano, todos os anos são modificados. Com uma sala para o AEE teve início no ano de 2006. Pedro está desde 2011 e Luísa iniciou o ano passado.

Como já está próximo da copa, no início de maio começou o Projeto Copa do Mundo. As professoras trabalham de acordo com o contexto, assim, para familiarizá-los ao momento trabalham com todas as informações. Contêm no material todas as bandeiras dos países participantes da copa, a quantidade de títulos do Brasil, mascote, cores da bandeira, números, sinais de pontuação,

enigma, poema, cruzadinha, mapa, quebra-cabeça, caça palavras, enfim tudo relacionado à copa bastante dinâmico e informativo.

A professora Lúcia me disse que a linguagem dos alunos com D.A é esse quadrado entre as mãos e a face, como já havia observado eles não usam conectivos, apenas vão colocando as palavras, no entanto há uma lógica, compreendem o contexto. Para saberem as bandeiras e ligarem aos países corretos há um material de apoio para auxiliá-los.

Atendimento Paralelo em Ibititá-BA: Professora Dirce repassou o vídeo da história da Chapeuzinho Vermelho e em seguida deu umas folhas com a história desordenada para ordenarem a partir das figuras e da escrita em português e libras. Logo após fizeram cruzadinha, jogo dos sete erros e caça-palavras tudo de acordo ao tema. Foi muito proveitoso, foram feitas muitas atividades. Ao término das atividades, jogamos dominó de animais em língua de sinais.

Desenvolveram bem as atividades, no entanto ao término a professora não percebeu que na ordem da história se confundiram. Para ver a compreensão na atividade fui folheando as tarefas e percebi que haviam feito confusão.

Em ambas as escolas os alunos sabem ler e escrever, todavia percebe-se que há grande diferença na capacidade de compreensão e apreensão do conteúdo que está diretamente ligada ao processo de alfabetização dos alunos em estudo.

É notório que aqueles alunos que tiveram uma alfabetização mais qualificada acompanham o conteúdo, apreendendo-o de forma mais rápida, bem como conseguem efetivamente corresponder ao estímulo dos professores. Por outro lado percebe-se também que os alunos com deficiência auditiva procuram manter-se próximos um dos outros. Isso talvez se dê pela facilidade de comunicação entre eles, visto que embora haja o uso da linguagem de libras nas escolas, a grande maioria dos alunos não portadores de deficiências não utilizam a referida linguagem, dificultando, portanto, o processo de comunicação com os deficientes.

Por fim resta demonstrado que os alunos que tem o acompanhamento cotidiano da família, que se envolve diretamente no processo de ensino aprendizagem apresentam melhor desempenho.

Assim, as observações confirmam o que disseram Glat, Fontes e Pletsch, segundo os quais se faz necessário o desenvolvimento de um processo de transformação de concepções teóricas e das práticas da Educação Especial, que vêm historicamente acompanhando os movimentos sociais e políticos em prol dos direitos das pessoas com deficiência. A educação especial deve ser um processo contínuo na formação do indivíduo portador de necessidades especiais, sobretudo, no processo de alfabetização, bem como inserir em tal processo não só os profissionais devidamente capacitados para tanto como, também a família destes indivíduos e todo o alunado não portador de necessidades especiais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em princípio o trabalho apresentou-se como uma experiência investigativa, desafiadora, que buscava, sobretudo, constatar se realmente há efetiva possibilidade de se concretizar o processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência auditiva inseridos na classe comum do ensino regular.

Para tanto investigou-se como acontece o ensino-aprendizagem nestes espaços, verificando se ocorre de fato o processo inclusivo, ou não.

As observações nos levaram a concluir que os professores envolvidos no processo de inclusão destes alunos devem estar imbuídos de muita responsabilidade, bem como é fundamental a capacidade técnica acumulada com a sensibilidade necessária para envolver todo o alunado neste processo inclusivo.

Ademais, faz-se mister analisar a importância da participação das famílias no processo de ensino aprendizagem. Foi verificado que aqueles alunos que têm o efetivo acompanhamento das suas famílias apresentam desempenho superior àqueles que não contam com o acompanhamento constante dos seus familiares, sendo que em alguns casos o aluno se mostra desinteressado e agressivo com os professores e colegas.

Diante o convívio e observações feitas durante esse tempo, pude perceber, que a efetiva inclusão destes alunos está longe de acontecer, visto que em que pese toda a dedicação dos docentes, as escolas não dispõem de recursos didáticos que permitam a efetiva inclusão dos alunos com D.A, bem como não há o envolvimento de toda a comunidade escolar neste processo de inclusão.

A inclusão de pessoas portadoras de deficiência auditiva no processo de ensino aprendizagem somente será possível através da conscientização e articulação dos profissionais e familiares envolvidos com uma realidade reflexiva, em ações concretas, que viabilizem de fato uma educação inclusiva para os alunos surdos nos espaços de escolas de ensino regular.

Para que o aluno surdo alcance autonomia numa segunda língua, em sua modalidade escrita, faz-se necessário uma política que contemple não apenas o contexto educacional e de escolarização, mas também o linguístico, familiar e cultural.

É neste contexto que reflexões devem ser feitas sobre a Educação de surdos como diálogo, troca de experiências, relações interpessoais entre surdos e ouvintes, enfim o exercício do “*olhar para o outro*”, sem máscaras, sem piedade, sem preconceitos, mas com a grande possibilidade de construção de conhecimento.

A inclusão dos alunos surdos nas escolas regulares da rede pública de educação deve ser vista como um novo paradigma. As marcas de domínio de uma língua sobre a outra devem ser eliminadas, a partir do momento em que TODOS os envolvidos nesse processo tenham consciência do RESPEITO ÀS DIFERENÇAS, principalmente as linguísticas, buscando através de um trabalho conjunto entre profissionais surdos e ouvintes, uma prática com novas atitudes e novas concepções sobre EDUCAR e INCLUIR.

**TERCEIRA PARTE**  
**PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Finalizar a monografia e concluir o curso de graduação é uma das etapas mais importantes na vida de um estudante. Afinal, termina-se um grande caminho traçado, e projeta-se um novo caminho. Concluo o curso de Pedagogia feliz com a escolha que tomei há oito anos e meio e com muitos planos para os anos seguintes, tendo em vista ainda mais responsabilidades pelo fato de ser mãe.

Ainda há muito que se aprender sobre o âmbito da Educação. Assim, continuarei estudando a Pedagogia e conhecendo também outras áreas do conhecimento. Com a conclusão do curso os planos são muitos. De imediato pretendo fazer uma pós na área de Educação Especial, para possivelmente dar continuidade à temática trabalhada em minha monografia e posteriormente uma de Alfabetização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, José Geraldo Silveira. *Surdez, linguagem e cultura*. São Paulo: Edu/PUC, 1996.

CAMPELLO, A.R de S. *Pedagogia Visual/Sinal na Educação dos Surdos*. In: QUADROS, --\_\_\_\_\_R.M. PERLIN, G.(organizadoras). *Estudos Surdos II*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Arara Azul, 2007.

CARVALHO, Rosita Edller. **A Nova LDB e a Educação Especial**. Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”** - Porto Alegre: Mediação, 2004.

\_\_\_\_\_. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva** - Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTRO, Adriano Monteiro de. **Educação Especial: do querer ao fazer/** [et al.]; Organizadoras Maria Luisa Sprovieri Ribeiro, Roseli Cecília Rocha de Carvalho Baumel. – São Paulo: Avercamp, 2003.

FELIPE, T. A. **Bilingüismo e Surdez**, Revista Trabalhos em Lingüística Aplicada. Campinas- SP, 1989.

\_\_\_\_\_. **Escola Inclusiva e os direitos lingüísticos dos surdos**, Revista Espaço.

FERREIRA. **Inclusão: Revista da Educação Especial**. Secretaria de Educação Especial. V. 1, nº 1 (out. 2005). Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.159p.

GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: Cultura e cotidiano escolar**. – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.



GODOY, Arilda S., **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, INCLUSÃO: Revista da Educação Especial / Secretaria de Educação Especial. V.1, n.1(out.2005). - Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. São Paulo, Campinas. Cadernos Cedes, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

MINAYO, M. C. de S. **A violência social sob a perspectiva da saúde pública**. Cadernos de Saúde pública, n. 10, pp. 7-18, suplemento 1, 1994.

## ANEXO I



Foto1: (Fachada da Escola Municipal Tenente Wilson Marques Moitinho)



Foto 2: (Mural: animais em Libras)



Foto3: (Mural: Dias e meses em libras)



Foto 4: (Atividades sobre a Copa em libras)



Foto5: (Auxiliando nas atividades)



Foto6: ( Atividade na apostila)



Foto7: (Realizando as atividades)



Foto8: (Interação)



Foto9 : (Intervalo)Foto10: (Observando atividades)



Foto11: (Jogando) Foto12: (Professora auxiliando)



Foto14: (Tirando dúvida com a mãe a respeito da atividade)



Foto15: (Sala de aula)

## Apêndice I

Documento entregue aos professores pela Professora do AEE.

**Objetivos da Adaptação Curricular**

Propiciar apoio físico, visual, verbal e gestual

Professor regente, professor de sala de recursos, intérprete, professor itinerante ou próprios colegas

**Suprimir objetivos e conteúdos curriculares que não possam ser alcançados pelo aluno em razão de sua deficiência, substituindo-os por outros acessíveis, significativos e básicos.**

Escrita dos surdos  
-aspectos característicos da língua de sinais-

- ✓ Verbos no infinitivo;
- ✓ Ausência de desinência para gênero;
- ✓ Conectivos são omitidos ou utilizados inadequadamente;
- ✓ A negação aparece geralmente após a forma verbal;

**Produção do aluno surdo e suas limitações**

- A dificuldade na leitura impede a expansão do vocabulário repercutindo na produção escrita que está relacionada à incompreensão dos textos lidos;
- Confunde o significado das palavras, mesmo das palavras de uso contínuo, o que interfere no resultado final do trabalho;
- Não conhece o processo de formação das palavras, utilizando substantivo no lugar de adjetivo e vice-versa, omite verbos, usa inadequadamente as desinências nominais e verbais, desconhece as irregularidades verbais, não utiliza preposições e conjunções ou faz inadequadamente;

Utiliza frequentemente, estruturas da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para expressar por escrito suas ideias.

**ORIENTAÇÕES PARA OS PROFESSORES – ALUNOS COM SURDEZ**

A portaria nº 3.284/2003 do MEC, que dispõe sobre os requisitos de acessibilidade dos alunos surdos, e o decreto 5626/2005 que regulamenta a Lei Nº 10.436/2002, consideram que o aluno surdo tem direito:

- ◆ a uma avaliação diferenciada;
- ◆ a um tempo maior para a realização das avaliações;
- ◆ acesso ao intérprete de libras;
- ◆ Avaliações com questões visuais-gráficas, permitindo que os surdos respondam as questões sem perder tempo em decifrar o significado veiculado pelas formas lingüísticas.

**Objetivos da Adaptação Curricular**

Propiciar apoio físico, visual, verbal e gestual

Professor regente, professor de sala de recursos, intérprete, professor itinerante ou próprios colegas

**Suprimir objetivos e conteúdos curriculares que não possam ser alcançados pelo aluno em razão de sua deficiência, substituindo-os por outros acessíveis, significativos e básicos.**

## Objetivos da Adaptação Curricular

Propiciar apoio físico, visual, verbal e gestual

Professor regente, professor de sala de recursos, intérprete, professor itinerante ou próprios colegas

Suprimir objetivos e conteúdos curriculares que não possam ser alcançados pelo aluno em razão de sua deficiência, substituindo-os por outros acessíveis, significativos e básicos.

### Escrita dos surdos

-aspectos característicos da língua de sinais-

- ✓ Verbos no infinitivo;
- ✓ Ausência de desinência para gênero;
- ✓ Conectivos são omitidos ou utilizados inadequadamente;
- ✓ A negação aparece geralmente após a forma verbal;

### Produção do aluno surdo e suas limitações

- A dificuldade na leitura impede a expansão do vocabulário repercutindo na produção escrita que está relacionada à incompreensão dos textos lidos;
- Confunde o significado das palavras, mesmo das palavras de uso contínuo, o que interfere no resultado final do trabalho;
- Não conhece o processo de formação das palavras, utilizando substantivo no lugar de adjetivo e vice-versa, omite verbos, usa inadequadamente as desinências nominais e verbais, desconhece as irregularidades verbais, não utiliza preposições e conjunções ou faz inadequadamente;

Utiliza frequentemente, estruturas da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para expressar por escrito suas ideias.

Transcrição do texto de uma aluna

Meio ambiente

Mundo de problema

porque pessoa muito rio ou mar lixo jogo é sujo pessoa doente anos passados natureza muita bom, mas hoje que acontecer arvore decrescer porque ele cortar futuro que nenhum.

Pensa precisa avisa pessoa cuida planta ai evita ele cortar vezes mas aumenta ta bom.

### Avaliar a produção escrita dos alunos surdos

- Importante que o aluno tenha acesso ao dicionário, e se possível, ao intérprete no momento da avaliação;
- Que a avaliação utilize critérios compatíveis com as características inerentes a esses educandos;
- Maior relevância ao conteúdo, ao aspecto cognitivo de sua linguagem, coerência e sequência lógica das ideias;
- Linguagem avaliada com mais flexibilidade, dando maior valor ao uso de termos da oração, como termos essenciais, termos complementares e, por último, os termos acessórios, não sendo por demais exigente no que diz respeito ao elemento coesivo.
- Na avaliação da aprendizagem do aluno surdo, não se pode permitir que o desempenho linguístico interfira de maneira castradora na performance acadêmica desses alunos que já possuem, por sua perda auditiva, uma defasagem linguística no que se refere à Língua Portuguesa (falada e/ou escrita).

Ensinar alunos com deficiência auditiva com fotos, desenhos e vídeos.

**"A idéia é estimular e fixar a memória visual dos estudantes com deficiência auditiva e facilitar o entendimento de toda a turma.**

### Cabe ao educador:

- ✓ Manter uma atitude diferenciada que não parta das limitações, mas das possibilidades que essas construções contemplam.
- ✓ Valorizar as marcas implícitas e explícitas da diferença lingüística.
- ✓ Que os "erros" sejam encarados como decorrentes da aprendizagem de uma segunda língua.
- ✓ Colocar em prática critérios diferenciados de avaliação reconhecendo e respeitando a diferença lingüística dos alunos surdos.

Atividades realizadas no AEE- Atendimento Educacional Especializado

Mural em LIBRAS



Atividade matemática

Solva as adições abaixo e depois encaixe o resultado na cruzadinho

1 2 3 4 5 6

1279  
+2293  
-----  
3462

36  
+37  
-----  
73

879  
+919  
-----  
1798

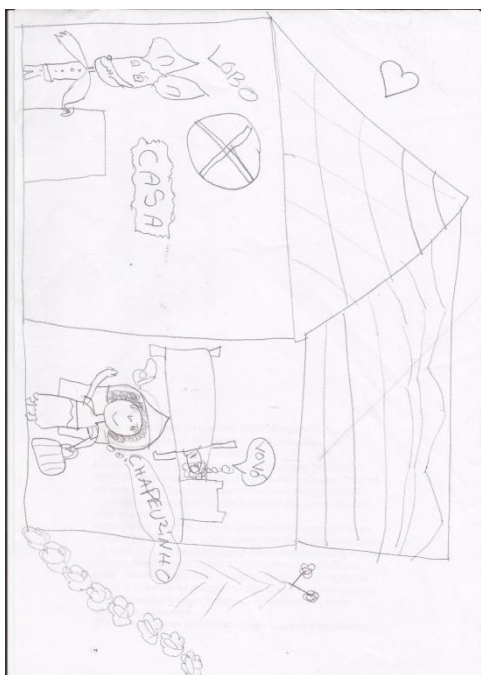
269  
+577  
-----  
846

584  
+157  
-----  
741

49  
+49  
-----  
98

9+7=16  
9+9=18

Desenho sobre a história da Chapeuzinho Vermelho



História da Chapeuzinho Vermelho recontada pela aluna

CHAPÉUZINHO VÓ LOBO CASADOR  
COMER HÁ VOCE PORQUE? SEI NÃO  
CHAPÉUZINHO VÓ QUE LOBO HÁ HÁ AH  
CASA ZERO QUE VÓ É CHAPÉUZINHO  
QUEMI LOBO NÃO PUM. CASADOR GO HO  
GOL! VÓ AMO CHAPÉUZINHO SEU AMO.  
VOCE, MÃE SEI JÁ QUINIU VOCE VEZ FIM  
ADORO MUITO VÓ LOBO JÁ AGUA NÃO SEMPRE

Cruzadinha

Números e letras em LIBRAS

**2. ESCRIBA OS NÚMEROS**

AMOK

89	56	155
10	45	40
11	23	80
12	90	10
15	89	5
19	10	40
58		

**3. XICÓ**

Siga a contagem em cada sentido.  
 Marque o que passa ao longo.

PALETAÇO

**CRUZADINHA**

CEGO

**0. Dê o nome**

L	O	S	A
C	A	N	E
M	E	S	A
P	R	O	F
L	A	N	C

Bando de **PAVÃO** (L1)  
**CAVETE** (L2)  
**CAVETE** (L3)  
**CAVETE** (L4)  
**CAVETE** (L5)  
**CAVETE** (L6)  
**CAVETE** (L7)  
**CAVETE** (L8)  
**CAVETE** (L9)  
**CAVETE** (L10)  
**CAVETE** (L11)  
**CAVETE** (L12)  
**CAVETE** (L13)  
**CAVETE** (L14)  
**CAVETE** (L15)  
**CAVETE** (L16)  
**CAVETE** (L17)  
**CAVETE** (L18)  
**CAVETE** (L19)  
**CAVETE** (L20)

FLOK - FALAR - DINHEIRO - LUZ - POGAO - CAMA  
 TELEFONE - VASSOURA - BEIJAR - JANELA

TV